



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM NOMES COLETIVOS EM  
FORTALEZA-CE

João Paulo Ferreira Maia

Fortaleza – CE / 25 de Fevereiro de 2011

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM NOMES COLETIVOS EM  
FORTALEZA-CE

por

**JOÃO PAULO FERREIRA MAIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan

Fortaleza – CE / 25 de Fevereiro de 2011

JOÃO PAULO FERREIRA MAIA

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL COM NOMES COLETIVOS EM  
FORTALEZA-CE

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 25/ 02/ 2011

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Márluce Coan  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Angela Cristina Di Palma Back  
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)  
1ª Examinadora

---

Profa. Dra. Aluíza Alves de Araújo  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)  
2ª Examinadora

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Aragão  
Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Suplente

## AGRADECIMENTOS

Máximos agradecimentos à Prof(a) Dra. Márluce Coan pela orientação criteriosa, pautada sempre no compromisso e na dedicação a este trabalho, pelo fornecimento de material relevante e pelo acolhimento e compreensão nos tempos de dificuldades por que passei.

Aos professores do curso de Letras da UFC, em especial aos do Programa de Pós-Graduação em Linguística, sobretudo às Professoras Márcia Teixeira Nogueira e Hebe Macedo de Carvalho, pelas tão profícuas sugestões a esta pesquisa, e à Professora Mônica Cavalcante, pelo carinho, incentivo e atenção sempre a mim dedicados.

Aos funcionários do PPGL, principalmente ao Eduardo, pela atenção e solicitude com que sempre me tratou.

Aos colegas do PPGL-UFC, pelo apoio em momentos tão importantes, principalmente ao Ednardo, à Lorena e à Alexandra.

À Funcap, pelo provimento financeiro durante parte desta pesquisa.

À minha família, em especial à minha esposa, Liliane; à minha mãe, Margarida; ao meu pai, João Bosco; à minha irmã, Talita; e ao meu irmão José Neto. Sem o incentivo, a compreensão e a paciência de vocês, não teria conseguido.

À vida, fruto de razão e emoção.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	<b>10</b>
CAPÍTULO 2: TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA .....	<b>13</b>
2.1. Percurso histórico: do Estruturalismo à Sociolinguística .....	<b>13</b>
2.2. Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística .....	<b>19</b>
2.2.1. Condicionamentos linguísticos e extralinguísticos .....	<b>24</b>
2.2.1.1. Fatores internos .....	<b>25</b>
2.2.1.1.1. Variável fonológica .....	<b>25</b>
2.2.1.1.2. Variáveis morfossintáticas .....	<b>26</b>
2.2.1.1.3. Variáveis semânticas .....	<b>28</b>
2.2.1.2. Fatores externos .....	<b>29</b>
2.2.1.2.1. Gênero/sexo .....	<b>29</b>
2.2.1.2.2. Escolaridade .....	<b>31</b>
2.2.1.2.3. Idade .....	<b>33</b>
Considerações Finais do Capítulo .....	<b>34</b>
CAPÍTULO 3: O TRATAMENTO DA CONCORDÂNCIA VERBAL .....	<b>36</b>
3.1. A Tradição gramatical .....	<b>36</b>
3.2. Pesquisas variacionistas sobre concordância verbal .....	<b>45</b>
3.2.1. Concordância verbal com sujeito de terceira pessoa .....	<b>45</b>
3.2.2. Concordância verbal com nome coletivo .....	<b>53</b>
3.3. Considerações finais do capítulo .....	<b>55</b>
CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	<b>57</b>
4.1. Corpora .....	<b>57</b>
4.2. Regra variável .....	<b>59</b>
4.3. Fatores de controle .....	<b>60</b>
4.4. Análise estatística .....	<b>64</b>
Considerações finais do capítulo .....	<b>65</b>
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS .....	<b>66</b>
5.1. Dados do Porcufort .....	<b>66</b>
5.2. Dados do Norpofor .....	<b>80</b>
5.3. Análise geral com dados dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.....	<b>92</b>
Consideração finais do capítulo .....	<b>101</b>
CONCLUSÕES .....	<b>103</b>
REFERÊNCIAS .....	<b>106</b>

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

### QUADROS

QUADRO 1: Distribuição dos informantes do Porcufort selecionados para pesquisa.

QUADRO 2: Distribuição dos informantes do Norpofor selecionados para pesquisa.

### TABELAS

TABELA 1: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – Variáveis estatisticamente relevantes no banco de dados Porcufort.

TABELA 2: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a saliência fônica verbal no banco de dados Porcufort.

TABELA 3: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o material interveniente entre sujeito e verbo no Porcufort.

TABELA 4: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária no Porcufort.

TABELA 5: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o tipo de inquérito no Porcufort.

TABELA 6: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com gênero/sexo no Porcufort.

TABELA 7: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – Variável estatisticamente relevante no banco de dados Norpofor.

TABELA 8: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o número do sintagma nominal encaixado no Norpofor.

TABELA 9: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a posição do coletivo em relação ao verbo no Norpofor.

TABELA 10: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo gênero/sexo no Norpofor.

TABELA 11: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com material interveniente no Norpofor.

TABELA 12: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária no Norpofor.

TABELA 13: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo de inquérito no Norpofor.

TABELA 14: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – variáveis estatisticamente relevantes na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

TABELA 15: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo de inquérito na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

TABELA 16: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo verbo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

TABELA 17: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com posição do coletivo em relação ao verbo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

TABELA 18: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com gênero/sexo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

TABELA 19: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

## RESUMO

Essa dissertação trata da variação na concordância verbal com nomes coletivos no Português falado em Fortaleza, em dados de dois corpora: Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) e Norma Popular de Fortaleza (Norpofof). Este fenômeno apresenta duas variantes: a) verbo na terceira pessoa do singular e b) verbo na terceira pessoa do plural. Sob o aparato teórico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, a análise é feita em três etapas: na primeira, analisamos apenas dados do Porcufort; em seguida, apenas dados do Norpofof e, por fim, dados em conjunto do Porcufort e do Norpofof. Consideramos, nas três etapas, os seguintes grupos de fatores: *material interveniente entre sujeito e verbo, saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito, tipo de verbo, traço humano do coletivo, faixa etária, gênero/sexo e tipo de inquérito*. Os resultados mostram que o fenômeno em estudo é influenciado apenas por variáveis linguísticas: na primeira etapa, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito e tipo de verbo*; na segunda, *tipo de verbo* e, na terceira, *saliência fônica do verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito e material interveniente entre sujeito e verbo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** concordância verbal, variação, nomes coletivos.



## RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur la variation de l'accord du verbe avec les noms collectifs en Portugais parlé dans Fortaleza sur les données de deux *corpora*: le Portugais Oral Culte de Fortaleza (Porcufort) et la Norme Populaire de Fortaleza (Norpofof). Ce phénomène a deux variantes: a) le verbe à la troisième personne du singulier et b) le verbe à la troisième personne du pluriel. La base théorique est la Théorie de la Variation et le Changement Linguistique. L'analyse se fait en trois étapes: d'abord, nous avons analysé les données de Porcufort; ensuite, les données Norpofof et, enfin, les données ensemble du Porcufort et de la Norpofof. Nous avons considéré, dans trois étapes, les groupes de facteurs suivants: *le matériel intervenant entre le sujet et le verbe, la proéminence phonétique du verbe, la place du collectif par rapport au verbe, le nombre du syntagme nominal intégré au sujet, le type de verbe, le trace humain du collectif, la voie âge, le genre/sexe et le type d'enquête*. Les résultats montrent que le phénomène étudié ne dépend que de variables linguistiques: dans la première étape, *le nombre du syntagme nominal intégré au sujet et le type de verbe*; dans la deuxième étape, *le type de verbe* et, dans la troisième étape, *la proéminence phonétique du verbe, le nombre du syntagme nominal intégré au sujet et le matériel intervenant entre le sujet et le verbe*.

**MOTS – CLÉS: L'accord du verbe, la variation, les collectifs.**

## 1. INTRODUÇÃO

O Português do Brasil, bem como as demais línguas, caracteriza-se, essencialmente, pela diversidade, realidade percebida não apenas por intelectuais e estudiosos da língua, mas também sentida por seus demais usuários. Basta que façamos uma viagem ao longo do nosso país para que possamos perceber diferenças fonológicas, morfológicas, lexicais e sintáticas em nosso idioma. Essa diversidade estimula linguistas das principais universidades do país a desenvolverem trabalhos que tratam dos mais diversos fenômenos da linguagem, contribuindo, assim, para a descrição do português contemporâneo.

Dentre esses, merecem destaque as pesquisas da Sociolinguística Variacionista, teoria que tem como pressuposto fundamental a ideia de que toda língua natural não é estável, sofre processos de variação oriundos de condicionamentos linguísticos (internos ao sistema) e extralinguísticos (externos ao sistema). Tais pesquisadores consideram a linguagem um fenômeno social, uma vez que é construída a partir das relações estabelecidas pelos seres humanos em sociedade. Portanto, entender a linguagem significa compreender a matriz do comportamento humano e as organizações político-sociais mais complexas, como a organização e funcionamento do Estado, da ciência e da educação. Talvez por isso a linguagem acabe sendo também objeto de estudo de outras ciências humanas, como Filosofia, Psicologia, Antropologia e Sociologia; contudo, é de competência dos linguistas, mais especificamente dos sociolinguistas, a descrição de aspectos condicionadores da variação e mudança linguísticas.

Dentre os fenômenos da linguagem que são objeto de estudo da Linguística, destaca-se, como tema de interesse por parte de linguistas brasileiros, a concordância verbal, mecanismo gramatical que consiste em o verbo alterar sua forma em pessoa e número<sup>1</sup> para ajustar-se ao sujeito da oração e, em alguns casos, ao predicativo do sujeito.

---

<sup>1</sup>Em Português, o verbo pode flexionar-se em três pessoas: primeira, segunda e terceira; e em dois números: singular e plural, a depender do sujeito com o qual concorda.

O objeto central desta dissertação é a concordância verbal com sujeito representado por nome coletivo formalmente singular, que, em se tratando de Português Brasileiro, pode ser realizada por duas variantes: a) verbo na terceira pessoa do singular (“A população aplaudiu o novo presidente.”) e b) verbo na terceira pessoa do plural (“A população aplaudiram o novo presidente.”). Temos por meta alcançar os seguintes objetivos: a) analisar o efeito da variável<sup>2</sup> *material interveniente entre sujeito e verbo* na concordância; b) verificar como a variável *saliência fônica verbal interfere* na concordância; c) investigar a interferência da variável *posição do sujeito em relação ao verbo* na concordância; d) considerar como o *número do sintagma nominal encaixado no sujeito (singular ou plural)*, quando houver, interfere na concordância; e) verificar a relação entre a variável *tipo de verbo (ação, processo, ação-processo e estado)* e a concordância; f) analisar de que forma a variável *traço semântico [+humano/-humano] do coletivo* interfere na concordância; g) investigar a influência da variável *gênero/sexo (masculino/feminino)* na concordância; h) analisar a relevância da variável *idade* para a concordância; e i) verificar como a variável *tipo de inquérito*<sup>3</sup> interfere na concordância.

Esta dissertação procura complementar os estudos sobre concordância verbal realizados no país que não descreveram nem analisaram o fenômeno em questão (concordância verbal com nome coletivo), bem como investigar os fatores condicionadores de uma ou de outra variante. Além disso, ao considerarmos a modalidade de língua falada na cidade de Fortaleza, contribuímos para a descrição do português brasileiro, já que realizamos estudo linguístico de dados de uma importante capital do país, o que permitirá comparação com resultados de outros trabalhos realizados sobre o tema.

Ao propor uma visão sociolinguística sobre o tema, esta pesquisa procura descrever os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que atuam sobre o fenômeno, demonstrando contextos que favorecem uma ou outra variante, bem como

---

<sup>2</sup>Trataremos, na metodologia desta dissertação, de cada variável aqui apresentada.

<sup>3</sup>Nesta dissertação, utilizamos dados dos bancos de dados Porcufort (Português Oral Culto de Fortaleza) e Norpofor (Norma Popular de Fortaleza). Os corpora são organizados em três tipos de inquéritos: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), D2 (Diálogo entre Dois Informantes) e EF (Elocução Formal).

esclarece que não há qualquer justificativa amparada no sistema da língua para a escolha de uma forma linguística como a mais “correta” e “elegante”, em detrimento de outra, “errada” e “feia”.

Vejamos agora como esta dissertação está organizada. No capítulo 2, intitulado **Teoria da Variação e Mudança Linguística**, traçamos um percurso histórico desde a fixação da Linguística como ciência até a formação e desenvolvimento da Sociolinguística, com seus métodos e técnicas de estudo, além de seus conceitos.

No capítulo 3, **O Tratamento da Concordância Verbal**, apresentaremos posicionamentos sobre concordância verbal em Português tanto de importantes gramáticos brasileiros, quanto de estudiosos da Linguística, considerando tanto casos de sujeito de terceira pessoa de forma ampla (casos de sujeito de terceira pessoa do singular e do plural), quanto casos de sujeito coletivo.

No capítulo 4, **Procedimentos Metodológicos**, apresentamos a metodologia empregada nesta pesquisa: os *corpora* selecionados, a regra variável, os fatores de controle (*material interveniente entre sujeito e verbo, saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito, tipo de verbo, traço [+humano; -humano] do coletivo, gênero/sexo, faixa etária e tipo de inquérito*) e a análise estatística através do programa Goldvarb.

Por fim, no capítulo 5, **Análise dos Dados**, apresentamos os resultados da pesquisa. O capítulo apresenta seções que tratam, respectivamente, da análise dos dados do Porcufort, dos dados do Norpofor e dos dados, em conjunto, dos dois corpora.

## 2. TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

O fenômeno que ora estudamos, *A Concordância Verbal com Nomes Coletivos*, tem relevância no campo sócio-comunicativo e envolve a opção entre duas formas variantes de uma mesma variável: a forma verbal de terceira pessoa do singular e a forma verbal de terceira pessoa do plural, recaindo, sobre cada opção, condicionamentos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos) e extralinguísticos (socioculturais- idade, sexo, região geográfica, etnia). Nosso referencial teórico pauta-se na Teoria da Variação e Mudança, porque pretendemos: (i) descrever e analisar a frequência com que essas formas se realizam como variantes na concordância com nomes coletivos, (ii) buscar contextos favorecedores de uma ou de outra forma, (iii) analisar dados do vernáculo e (iv) diagnosticar a possibilidade de mudança em tempo aparente.

Este capítulo trata, inicialmente, da fixação da Linguística como ciência até o surgimento da Teoria da Variação e Mudança. Na sequência, tratamos dos procedimentos teórico-metodológicos da teoria e dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, recorrentemente, abordados em pesquisas sobre concordância verbal.

### 2.1. Percurso histórico: do Estruturalismo à Sociolinguística

No início do século XX, Saussure apresentou uma proposta concordante com as exigências científicas da época, de linha eminentemente positivista, com conceitos, objetivos e pressupostos bem delimitados para o estudo da linguagem humana. Ao fazer isso, o estudioso elevou a Linguística à condição de ciência humana, era o advento do Estruturalismo linguístico, com alguns conceitos que ainda são fundamentos para estudos linguísticos contemporâneos.

Esses conceitos elaborados por Saussure, reunidos e publicados por dois de seus alunos, Bally e Sechehaye, no livro intitulado *Curso de Linguística Geral (CLG)*, em

1916, foram, posteriormente, denominados de dicotomias: *língua vs. fala*, *sincronia vs. diacronia*, *significante vs. significado* e *sintagma vs. paradigma*. Merecem destaque, em nossas discussões, duas questões abordadas no CLG, a da língua como objeto de estudo da Linguística e a do estudo deste objeto na perspectiva sincrônica.

Ao descrever a primeira dicotomia, Saussure (1916) afirma que a língua é o objeto de estudo da Linguística, considerando-a como um sistema de signos, constituídos por significante e significado, sendo fruto de convenção social, transmitido através das gerações, entre os falantes, que não podem, isoladamente, modificá-lo, portanto tal sistema é coletivo e homogêneo.

A fala seria o uso individual da linguagem pelos falantes e não poderia ser analisada dentro dessa perspectiva metodológica, por ser, sobretudo, heterogênea e assistemática. Apesar de sua exclusão do estudo linguístico, não é negado que as mudanças na língua possam ser motivadas pela fala e que há uma interdependência entre ambas, pois é a fala que faz evoluir a língua, sobretudo, porque, através das impressões que recebemos ao ouvir os outros, modificamos nossos hábitos linguísticos.

Desse modo, o autor concebe como tarefa da nova ciência descrever o funcionamento interno do sistema linguístico, deixando de fora dos estudos elementos exteriores a esse sistema, sobretudo, referentes às relações entre língua, cultura e sociedade. Segundo Alkmim (2001), essa dicotomia dividiu os estudos linguísticos entre orientações formais e contextuais, estando essas últimas subdivididas em outras linhas de estudo, como a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação e a Etnolinguística, por exemplo.

Sobre a segunda dicotomia (*sincronia versus diacronia*), intimamente relacionada ao modelo de análise eleito por Saussure, é proposto que o objeto seja estudado sincronicamente, fazendo um recorte do momento histórico e desconsiderando a ação do tempo para que se analise somente a estrutura da língua. Para o teórico, o estudo estruturalista não poderia ser enquadrado no modelo histórico comparado, uma forma de estudo diacrônico até então realizada, o qual consistia em fazerem-se recortes simultâneos da língua em momentos temporais distintos. Assim, o autor rompe com essa tendência de estudos, instigando a investigação sincrônica da

estrutura das línguas em determinado momento histórico e em tempo específico.

Outros autores do século XX, como Meillet, Bakhtin, Cohen, Benveniste e Chomsky, lançaram novas propostas para o estudo da linguagem, contudo partiram de propostas desenvolvidas anteriormente, principalmente as de Saussure, seja com intuito de reafirmá-las, ao menos parcialmente, ou de contestá-las. Antes de tratarmos, estritamente, da Sociolinguística, seria importante trazer alguns pontos abordados por estes autores, para que possamos entender o caminho que as correntes da ciência linguística percorreram e, assim, chegar à proposta da teoria variacionista.

Meillet (1906, apud Alkmim, 2001) considera que a linguagem é um fato social e que não há motivos para atribuir às línguas existência autônoma, uma vez que não existem fora dos sujeitos que as falam, portanto, segundo afirma o autor, a realidade de uma língua é, concomitantemente, linguística e social.

Bakhtin (1929), em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, apresentou reflexões divergentes da proposta saussuriana. Para o autor, a língua não poderia ser entendida como homogênea, nem como um sistema imutável adquirido, por meio de gerações, pelos indivíduos, sem que estes fossem capazes de alterá-la. O sujeito linguístico saussuriano, incapaz de acessar o sistema da própria língua que fala a fim de modificá-la, é refém da ação do tempo e das forças sociais que são, dentro da proposta estruturalista, os únicos responsáveis pelas mudanças ocorridas no sistema. Bakhtin, diferentemente do modelo estruturalista, considera este sujeito com papel atuante, constituído na língua e pela língua. Para o autor (Bakhtin), a língua é composta por signos ideológicos, construídos sócio-historicamente, que são reflexos das mudanças sofridas pela sociedade, portanto, o estudo linguístico deve ser dinâmico, contrapondo-se à proposta estruturalista, que, ao fazer recortes, confere ao estudo um caráter estático.

Ao romper com a dicotomia *língua vs. fala*, Bakhtin entende que a linguagem é uma prática social que tem a língua, inseparável da fala, como realidade material formada por meio de um processo evolutivo ininterrupto. Deste modo, afirma que o objeto da Linguística deva ser o enunciado, que somente pode ser estudado na interação verbal, através do diálogo. Tais contribuições foram decisivas para

o aparecimento de uma nova linha de pesquisa que viu a possibilidade de ter o discurso como seu objeto de estudo, daí o surgimento da Análise do Discurso, um campo interdisciplinar que reúne contribuições da Linguística saussuriana, da Psicanálise freudiana e do Materialismo Histórico marxista.

Cohen (1971, apud Alkmim, 2001) esclarece que os fenômenos da língua apenas são capazes de se realizarem no contexto dinâmico dos acontecimentos sociais. Percebe-se que Cohen, ao dividir, metodologicamente, a língua em aspectos internos (intrínsecos ao sistema) e externos (exteriores ao sistema), de acordo com o postulado saussuriano, passa a considerar os fatores externos na relação entre língua e sociedade, estabelecendo, desse modo, alguns temas abordados com relevância pela Sociolinguística, Chomsky sobretudo o estudo das variedades da linguagem: a distinção entre variedades rurais e urbanas, entre classes sociais e grupos étnicos.

Benveniste (1989), sobre a relação entre língua e sociedade, diz que indivíduo e sociedade determinam-se mutuamente dentro da própria língua, portanto, é com a utilização da língua nas mais diversas situações de interação social, que os indivíduos constroem suas relações com os outros indivíduos, bem como modificam, ativamente, o sistema linguístico, de acordo com suas necessidades. Entretanto, o autor ressalta que não há uma correspondência uniforme entre a estrutura da língua e a estrutura da sociedade, uma vez que ambas, embora sendo realidades naturais inconscientes e herdadas, não passíveis de sofrerem destruição pela vontade dos homens, apresentam constituições estruturais distintas. Desse modo, o autor considera que a língua reúne um grupo de indivíduos numa comunidade da qual são reflexo, sendo o instrumento eficaz para descrição, conceitualização e interpretação da natureza e das experiências humanas.

Chomsky, partindo de pressupostos estruturalistas, traz, como princípio norteador de sua proposta teórica, a possibilidade de descrever e explicar o que é a linguagem humana e como ocorre seu funcionamento. Afirmando que o ser humano possui uma faculdade de linguagem inata e específica, capacidade genética que permite ao homem falar e entender seu sistema linguístico, a língua, para o modelo gerativista inicial, da década de 1960, seria homogênea e somente um informante tido como ideal,



imerso em uma comunidade de fala também ideal, poderia ser representante desta comunidade. Assim, o objeto de análise dos gerativistas seria a competência linguística deste falante, tendo a teoria como uma de suas metas entender como se dá o conhecimento por parte dos falantes das regras que governam o funcionamento da língua.

Em Chomsky, assim como em Saussure, encontram-se algumas dicotomias, dentre as quais se destaca a distinção entre *competência* e *desempenho* linguístico. Para o linguista norte-americano, a *competência linguística* é o conhecimento intrínseco que o falante tem de sua língua e a capacidade que possui de operar com as regras gramaticais deste sistema; já o *desempenho* seria o uso concreto da língua que, algumas vezes, poderia apresentar desvios ou “erros” na manifestação da fala, contudo tais “falhas” seriam irrelevantes para a teoria. Esse estudo da língua, que tem como foco apenas sua sintaxe e o não interesse pelos supostos “desvios” do sistema homogêneo, foi alvo de crítica por diversas teorias linguísticas que adotam o componente exterior (relação entre língua e sociedade) para o estudo da linguagem humana, sobretudo pela Sociolinguística, que não vê possibilidade de sucesso da empreitada gerativista, que desconsidera o envolvimento e a atuação de componentes sócio-históricos sobre a linguagem. Talvez por isso, o interesse inicial da teoria gerativa pela competência linguística seja transferido para a investigação da chamada “gramática universal” (GU), entendida como o conjunto de propriedades gramaticais comuns e compartilhadas por todas as línguas naturais humanas existentes. Interessam à GU, também, as possíveis diferenças entre essas línguas. Tal busca acaba resultando no modelo de Princípios e Parâmetros de 1993, e no Programa Minimalista de 1995, quando antigos temas voltam a ser analisados pela teoria gerativa, sobretudo os mecanismos usados na linguagem e pela linguagem, de forma a entender seus usos criativos na vida de um falante qualquer.

Opondo-se, sobretudo, ao Estruturalismo saussuriano e à Gramática Gerativa, surge, em meados da década de 1960, a Teoria da Variação e Mudança, a partir das contribuições de Weireich, Labov e Herzog (1968)<sup>4</sup>, que procuram complementar as

---

<sup>4</sup>Servimo-nos para a pesquisa da edição brasileira: WEIREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

questões deixadas abertas pelo Estruturalismo, sobretudo aquilo que se refere às mudanças que ocorrem nas línguas, que passam a ser vistas como dotadas de heterogeneidade sistemática. Nesse ensaio, os autores propõem uma teoria da mudança linguística que descreva a própria língua e os fatores, sejam internos ou externos ao sistema linguístico, capazes de impulsionar esta mudança, repelindo, assim, a ideia de sistema homogêneo. A língua passa a ser entendida como heterogênea, dinâmica e sensível a mudanças provocadas por fatores da própria língua bem como por elementos exteriores ao sistema, principalmente por componentes sociais.

A Sociolinguística tem como objetivo fundamental o estudo da relação entre estrutura e funcionamento da língua com a sociedade. Fixou-se a partir de um congresso organizado por William Bright na Universidade de Califórnia em Los Angeles (UCLA), de que participaram vários estudiosos interessados na relação entre linguagem e sociedade. Bright propõe que a Sociolinguística deva “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (Bright, 1974, apud Alkmin, 2001, p.28). Segundo Bright, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística.

Como uma de suas preocupações, a Sociolinguística pretende mostrar a importância dos componentes sociais para a organização estrutural da língua, o que não vinha sendo feito por outras correntes linguísticas, abrangendo várias áreas de interesse, como questões voltadas ao surgimento e extinção de línguas, multilinguismo, contato entre línguas, variação e mudança linguística. Merecerão destaque, neste trabalho, as duas últimas áreas citadas (variação e mudança), uma vez que são o centro de interesse da Sociolinguística Quantitativa, criada pelo linguista norte-americano William Labov.

Labov (2008) reafirma uma nova perspectiva de estudo para o fenômeno da linguagem, mostrando que o ponto de vista não seria mais o do Estruturalismo europeu, que considera como objeto de estudo uma estrutura relacional abstrata que não sofre mudanças nem está inserida em enunciados reais; nem o do Gerativismo americano, que considera desnecessárias as questões sociais à sua proposta de estudo e que se ocupa de uma comunidade de fala ideal constituída por falantes e ouvintes também

ideais, conforme mencionado. Labov propõe um modelo teórico que considera a língua em seu contexto social segundo defendiam alguns teóricos da escola de Praga, como Mathesius e Neustupný, que demonstraram interesse pela variabilidade e pela mudança, contudo não apresentaram suas ideias de forma precisa para abordarem a complexidade dos dados linguísticos nem conseguiram desenvolver métodos empíricos para trabalharem dentro da comunidade de fala, conforme (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p.107). Dessa forma, Labov desenvolve uma metodologia que tem como objeto a fala, observada no contexto de produção de uma comunidade real de fala, indicando que é possível sistematizar o aparente “caos” linguístico, conforme será explicitado a seguir.

## **2.2. Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística**

Esta pesquisa será conduzida, como afirmado antes, com base no arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que se interessa pela variação e mudança linguísticas observáveis em uma comunidade de fala real, relaciona as diferenciações das estruturas linguísticas às diferenças da estrutura social e demonstra que o contexto social é fonte de diversidade linguística, ou seja, de variação, através da coleta de dados reais, sobretudo de fala espontânea, chamada de vernáculo.

A Sociolinguística considera que todas as línguas estão em contínuo processo de variação e mudança, como toda manifestação social, portanto as línguas sucedem-se, historicamente, umas às outras, como as línguas neolatinas sucederam a língua do Lácio. Essas variações podem ser observadas em um estágio atual da língua (plano sincrônico) e estão relacionadas a diferentes fatores, como origem geográfica, idade, sexo, escolaridade, profissão e grau de formalidade da situação a que se submete o falante.

Ao considerar fala e contexto social inseparáveis, uma vez que os falantes são condicionados sociolinguisticamente pelas relações sócio-históricas nas quais estão inseridos, a teoria focaliza, exatamente, a variação como objeto de estudo, considerando-a como um princípio geral e universal das línguas. Assim, a

Sociolinguística parte do pressuposto de que toda variação é motivada, controlada por fatores linguísticos e extralinguísticos, passível de ser descrita, analisada e sistematizada, e de que toda língua é dotada de regras capazes de governar esta variação na comunidade de fala, demonstrando que o domínio linguístico de um falante nativo inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

Deste modo, a Sociolinguística surge como reação: i) à suposição engessante de que a estrutura linguística é homogênea, motivada pelo postulado da categorialidade, preconizado, inicialmente, por Saussure, criador da dicotomia língua (homogênea e sistemática) *versus* fala (heterogênea e caótica), elegendo a primeira, em total detrimento da segunda, como objeto da Linguística; ii) à exposição de fatos linguísticos, essencialmente, por fatores internos ao próprio sistema, desconsiderando qualquer fator de ordem discursiva e sociocultural, como vinha sendo feito pela tradição estruturalista saussuriana; iii) à visão de sincronia como única realidade linguística, excluindo qualquer possibilidade de estudo de mudança na língua; iv) à concepção de comunidade de fala abstrata, constituída do binômio falante/ouvinte ideal em situações de fala também ideais, conforme preceitos gerativistas e v) à eleição de dados linguísticos e de regras de funcionamento da língua conhecidas pelo próprio linguista como material suporte de análise.

Seguindo o princípio da heterogeneidade ordenada, podem ser constatados como objetivos da Teoria da Variação e Mudança, os seguintes: (i) estabelecimento da relação entre variação e mudança linguísticas, (ii) determinação do conjunto de possíveis fatores linguísticos e sociais motivadores da variação e mudança, (iii) consideração dos estágios intervenientes na mudança de uma determinada estrutura “A” para uma determinada estrutura “B”, (iv) encaixamento da regra variável na estrutura linguística e na estrutura social, (v) avaliação do nível de consciência social em relação a cada forma variante para verificação das formas prestigiadas e estigmatizadas e (vi) sistematização de estímulos e restrições linguísticas e sociais para implementação da variação e mudança (conforme Weinreich, Labov e Herzog, 2006).

Desta forma, o foco da Sociolinguística é a língua falada, elemento, como afirmado anteriormente, intrinsecamente dotado de variação, observada e analisada em

seu contexto social, em situações reais de uso. Portanto, é necessária a consideração da comunidade de fala, local de interação linguística e social, caracterizada por diferentes formas de falar, constituída por membros que apresentam semelhantes atitudes subjetivas e comportamentais frente à língua e que dominam as mesmas regras essenciais da gramática (Labov, 2008); assim, os falantes de uma língua são capazes de operar não apenas com regras categóricas, mas também com regras variáveis, conjuntamente disponíveis a todos os membros da comunidade, sejam crianças, adultos ou idosos, geralmente proficientes em interpretar os mais diversos enunciados, embora alguns, devido a restrições em seu conhecimento ou em virtude do *status* social que ocupam, sejam parcialmente capazes de produzir e interpretar todos enunciados.

O conjunto das várias organizações linguísticas que expressam o mesmo significado referencial com o mesmo valor de verdade chama-se de “variável linguística” (regra variável); já as diferentes formas de dizer-se a mesma coisa em um mesmo contexto, chamamos de “variantes linguísticas” (Labov, 1978). Segundo Paredes da Silva (2008), as primeiras pesquisas variacionistas tratavam de fenômenos morfofonológicos, sobretudo os de natureza fonológica, uma vez que a premissa básica da teoria de que “duas ou mais formas alternantes ocorram em um mesmo contexto, com mesmo significado” (Paredes da Silva, 2008, p.67) poderia ser mantida com certa confiabilidade, além de estes fenômenos apresentarem grande ocorrência de dados para análise. Com o sucesso dessas pesquisas, houve a extensão dos mesmos métodos e técnicas para casos de variação em outros níveis, sobretudo o sintático. Porém, dois problemas cruciais surgiram nesses estudos: existia menos variação no nível da sintaxe que no da fonologia (menos fenômenos e menos ocorrências de dados) e a dificuldade de se controlarem as diferenças de estilo.<sup>5</sup>

Nesse sentido, o ponto que demonstrou maior dificuldade na abordagem para níveis além da fonologia diz respeito à manutenção do significado em formas alternantes. Havia dúvida de que se poderia manter ou não a equivalência do significado nessas formas, chegando ao ápice da discussão a troca de artigos entre

---

<sup>5</sup>Segundo Labov (2001), “estilo” representa uma das muitas formas de vida por meio da qual as pessoas procuram combinar, em esferas uniformes de atividade, a tendência para uma equalização social com o desejo por uma diferenciação e mudança.

Labov (1978) e uma ex-discípula, Beatriz Lavandera (1978), que assume uma posição crítica em relação à possibilidade de haver ou não variação para além do nível fonológico. Segundo a autora, saindo do nível sonoro, teríamos um significado associado a cada forma, representando um obstáculo ao cumprimento da exigência da alternância de formas com o mesmo significado.

Em contrapartida, Weiner e Labov (1977), que analisaram as construções de ativa e passiva, haviam declarado que, embora possa haver diferenças de foco entre ambas, a opção de uma ou de outra forma é uma escolha sintática, que acaba se referindo ao mesmo estado de coisas, como se vê em: *o homem quebrou a cadeira* vs. *a cadeira foi quebrada pelo homem*<sup>6</sup>. Para os autores, o que deve ser considerado é a manutenção do valor de verdade, do significado referencial, uma vez que, em ambas as frases, trata-se de um mesmo processo (quebrar) relacionado às mesmas entidades, um agente (o homem) e um afetado (a cadeira), portanto o fenômeno merece um tratamento variacionista. Dessa forma, enquanto os autores propõem um significado mais restrito (referencial, mesmo estado de coisas e mesmo valor de verdade), em contrapartida, Lavandera (1978) propõe um significado mais amplo (referencial, social e estilístico), baseado na comparabilidade funcional, assim frases como: “-*Está frio aqui.*”, “-*Como você consegue ficar sem casaco?*”, “-*Por favor, feche a janela.*”,<sup>7</sup> que podem traduzir a mesma intenção comunicativa, devem ser tratadas como variantes de uma mesma variável. Já na perspectiva laboviana, em tais estruturas frasais, a exigência do mesmo significado referencial não estaria sendo cumprida.

Consoante Tarallo (2005), essas regras, em virtude da própria essência dinâmica da língua, jamais poderiam ser categóricas, optativas ou obrigatórias, uma vez que uma ou outra forma variante são favorecidas por condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, tratando-se a língua de um sistema de probabilidades. Sobre as regras variáveis, Sankoff (1988, apud Silva, 2004) afirma que, sempre que a escolha entre duas ou mais alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho linguístico, e sempre que puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado,

---

<sup>6</sup>Exemplos nossos.

<sup>7</sup>Em Paredes da Silva (2008, p.69).

tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer à noção e métodos estáticos conhecidos pelos estudiosos de variação linguística como regras variáveis. Segundo Mollica (2008), cada variante de uma regra variável está sujeita a pressões de fatores internos e externos ao sistema. Os fatores internos (linguísticos) dão conta dos níveis do significante e do significado, destacando-se os fatores fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Nos fatores externos, encontram-se os intrínsecos ao indivíduo (como sexo, idade e etnia), os sociogeográficos (como região de origem, escolaridade, renda, profissão e classe social) e os contextuais e estilísticos (relacionados ao grau de formalidade e tensão discursiva). Com isso, exclui-se, portanto, qualquer possibilidade de variantes livres, ou seja, a aleatoriedade no emprego de qualquer forma linguística está completamente fora de pensamento, já que a escolha de uma ou de outra forma não é facultativa, mas resultante dessas pressões, devendo a teoria demarcar as tendências de empregos de cada variante.

Deste modo, para sistematizar a variação, há de se promover a descrição cabal da variável, a partir do conjunto das variantes, convencionalmente chamado de “envelope da variação” Tarallo (2005), a análise dos condicionantes linguísticos e sociais, o encaixamento da variável no sistema linguístico e no social e a projeção histórica da variável, a partir do levantamento de dados do vernáculo, conforme mencionado, em situações naturais de comunicação, como entrevista face a face, sessões dialogais de grupo de pares, entrevistas rápidas e anônimas em momentos corriqueiras e cenas de TV nas quais as pessoas estejam tomadas por alto grau de comoção (Labov, 2008).

Por operar estatisticamente com os dados coletados, aplicando a estes um tratamento típico da teoria da probabilidade, a fim de destacar regularidades que regem a variação linguística na comunidade, tal modelo é também conhecido como Sociolinguística Quantitativa. Porém, embora auxilie na determinação do peso de cada fator sobre a regra variável (peso relativo), apontando contextos linguísticos e extralinguísticos favoráveis ou desfavoráveis a cada uma das variantes em análise, pois

a Teoria pressupõe íntima covariação entre funcionamento da língua e comportamento social, a metodologia isolada não é suficiente para indicar a direção precisa do fenômeno em tela, uma vez que trabalha com projeções e aproximações, sendo crucial a interferência do pesquisador, que, além de descrever o fato linguístico, seleciona, criteriosamente, os dados para análise e formula hipóteses explicativas sobre os índices estatísticos levantados pelo pacote Goldvarb<sup>8</sup>, um programa computacional desenvolvido, especialmente, para análise de regras variáveis. Contudo, devemos ter em mente que o pesquisador não faz uma previsão absoluta sobre cada variante, mas, como dito, ele pode sinalizar a tendência de uso de cada uma, apresentando uma visão geral do fenômeno.

Após a análise dos dados, o pesquisador apontará se o fenômeno indica apenas um processo de variação, em que as variantes concorrentes coexistem, em equilíbrio, durante um curto período ou até mesmo por séculos; ou de mudança em tempo real, que consiste em um processo já completado, quando uma variante já suplantou completamente outra, comparando os dados do presente aos do passado; ou de mudança em tempo aparente, que se refere à análise comparativa de diferentes faixas etárias da população. Conforme Labov (1994), esta última consiste em os indivíduos mais jovens fazerem maior uso de uma determinada forma que os mais velhos, podendo assim ocorrer uma mudança, pois, com a morte das pessoas mais velhas, a forma linguística dos mais jovens suplantaria a forma dos outros; porém este tipo de mudança é apenas uma suposição, um prognóstico, pois não se pode ter certeza da consolidação do processo. É ainda válido afirmar que existe forte correlação entre variação e mudança, haja vista que toda mudança pressupõe variação, embora a recíproca não seja verdadeira, pois nem toda variação aponta para um processo de mudança, caso em que há variação estável, com a coexistência das formas variantes.

### **2.2.1. Condicionamentos linguísticos e extralinguísticos**

---

<sup>8</sup>O Goldvarb é um programa estatístico que realiza o tratamento de regras variáveis, desenvolvido em parceria pelos Departamento de Linguística da Universidade de Toronto e de Matemática da Universidade de Ottawa, em 2005.



Como afirmado, a variação é uma das características das línguas naturais, convivendo com regras categóricas. Embora entendida por outras teorias como aleatória e caótica, a heterogeneidade linguística é regular, previsível e passível de sistematicidade, porque é governada por agentes internos e externos ao sistema, variáveis estruturais, discursivas e sociais, que agem conjuntamente para favorecerem ou inibirem formas variantes semanticamente equivalentes.

### **2.2.1.1. Fatores internos**

Esta subseção destina-se a apresentar alguns exemplos de condicionamentos linguísticos (fonológicos, morfossintáticos e semânticos), frequentemente considerados em pesquisas variacionistas, especialmente nas que tratam de concordância verbal.

#### **2.2.1.1.1. Variável fonológica**

Sobre concordância verbal, uma variável recorrentemente tratada em pesquisas brasileiras e que tem demonstrado enorme importância é a saliência fônica. Rodrigues (2007), ao analisar a concordância verbal com sujeitos de primeira e de terceira pessoa do plural no português popular de São Paulo, constatou a *saliência fônica* da oposição singular e plural no verbo como grupo de fator relevante para o processo. A autora levantou como hipótese de trabalho que, quanto mais saliente for a oposição entre singular e plural, maiores são as chances de haver a concordância; em contrapartida, quanto menor a saliência, menores são as chances de haver concordância. Para tanto, a autora propõe dois níveis de saliência em função da intensidade dos segmentos fônicos que realizam a oposição: nível 1. segmentos átonos, *menos salientes* e nível 2. segmentos tônicos, *mais salientes*. Os resultados confirmaram a hipótese levantada pela autora: no nível 1, verbos com nível de saliência de *fala/falam* apresentaram índice de 94% e peso relativo de 0.93<sup>9</sup> de não concordância e palavras de grupos semelhantes a

---

<sup>9</sup>Entende-se por peso relativo a influência do grupo de fator (variável independente) sobre a regra variável (variável dependente). Quando o peso relativo é superior a 0.5, o grupo de fator favorece a realização de determinada variante dependente; quando é inferior a 0.5, desfavorece a realização da variante; valores muito próximo a 0.5 atuam de forma neutra a realização da variável. Este conceito será

*faz/fazem* apresentaram índice de 81% e peso relativo de 0.77 de não concordância; no nível 2, grupos como *dá/dão*, *falou/falaram*, *fez/fizeram* e *é/são* apresentaram, respectivamente, índices de 50% e 0.35, 42% e 0.34, 31% e 0.26 e 37% e 0.20 de não concordância. Desse modo, chegou-se à conclusão de que as formas menos salientes desfavorecem a concordância, enquanto as mais salientes favorecem-na.

#### 2.2.1.1.2. Variáveis morfossintáticas

Segundo Omena e Duarte (2008), é difícil atribuir, com precisão, os limites entre fatores morfológicos e sintáticos, devido à íntima relação que mantêm entre si. Porém, por razões didáticas, apresentamos, em separado, a título de ilustração, fatores morfológicos e fatores sintáticos, considerados em pesquisas sobre concordância.

i) Fatores morfológicos: Scherre (1988), analisando grupos de fatores morfológicos atuantes na concordância de número entre os elementos do SN, observou o grau do substantivo que funciona como núcleo do SN e o tipo de pluralidade deste núcleo. Quanto ao grau, considerou em conjunto os graus aumentativo e diminutivo em oposição ao grau normal, conforme os exemplos: *...meus amigão...; ...uns quatrocentos bolinhos de...; ...dois cavalos lindo...*<sup>10</sup> Os resultados revelaram que os diminutivos e aumentativos desfavoreciam o uso da marca plural, enquanto os substantivos de grau normal favoreciam esse uso. Segundo a autora, tal resultado explica-se porque os substantivos em graus aumentativo e diminutivo são mais utilizados em situações informais, desfavorecendo, portanto, a marca de concordância, e porque o grau normal é típico de situações mais formais de comunicação, explicando a maior presença da marca plural nestas situações. Quanto à pluralidade do núcleo substantivo, a autora estabeleceu o seguinte grupo de fatores: i) SNs que tendem a aparecer no plural: *...nossas raízes...*; ii) SNs que fazem referência a pares de órgãos do corpo: *...os seus olhos...*; iii) SNs que não fazem referência necessariamente a mais de uma unidade: *...aquelas lojinhas bem baratinhas...* Os resultados, para cada grupo de fatores, foram respectivamente: 75%, 21% e 49%. Os índices demonstram que a

---

ainda abordado na metodologia desta dissertação.

<sup>10</sup>Exemplos da autora.

concordância é feita, predominantemente, com SN no plural, diminuindo, consideravelmente, na referência a partes do corpo que se apresentam aos pares, cuja pluralidade é marcada pelos determinantes.

ii) Fatores sintáticos: Rodrigues (2007) estabelece a relação entre a aplicação da regra de concordância entre sujeito e verbo e a presença ou a ausência do sujeito pronominal: *nós* e *eles/elas*. A elipse do sujeito (sujeito oculto, zero ou apagado) é um fenômeno sintático possível em português, sobretudo quando o verbo é marcado em pessoa e número. Dessa forma, o *sujeito zero* tem a ver: a) com a flexão do verbo ou b) com a referência pronominal, pois o que qualifica a categoria vazia como sujeito pronominal, em algumas línguas, é a presença de um elemento de concordância. Caso o sujeito não se encontre na frase, a desinência verbal não é redundante, e as relações entre verbo e sujeito extra-sentencial apenas podem ser estabelecidas pela concordância. A autora levantou como hipótese que o *sujeito oculto* favorece a aplicação da regra padrão (uso de formas verbais marcadas), enquanto *sujeito pronominal explícito* favorece a não aplicação da regra (formas verbais não marcadas). Os resultados confirmaram a hipótese formulada: quando o sujeito é de primeira pessoa do plural, os resultados apontaram peso relativo de 0.79 de não concordância com *sujeito não pronominal*, 0.55 com *sujeito explícito* e 0.19 com *sujeito não explícito*; quando o sujeito é de terceira pessoa do plural, 0.67 de não concordância com *sujeito não pronominal*, 0.45 com *sujeito explícito* e 0.38 com *sujeito não explícito*. Portanto, com *sujeito não explícito*, são maiores as probabilidades de realização de formas marcadas (*regra padrão*), enquanto, com *sujeitos explícitos*, são maiores os índices de formas não marcadas (*regra não padrão*).

Mattos (2003), ao analisar os fatores que interferem na concordância entre sujeito coletivo e verbo na comunidade de Fortaleza, teve, como grupo de fator estatisticamente selecionado para o fenômeno, a variável sintática *tipo de sujeito*, de acordo com o seguinte resultado: sujeito nulo com 29% de pluralização verbal, em casos do tipo: (...) *que o pessoal está destruindo a memória de Fortaleza. Estão destruindo todas as casas antigas*; em seguida, merece destaque o conjunto *pessoal, povo e casal* com 16% de pluralização; por último, os demais tipos de sujeito coletivos

com 4% de ocorrências de pluralização verbal. Desta forma, para a concordância verbal, a variável em tela mostrou-se importante.

### 2.2.1.1.3. Variáveis semânticas

Segundo Gryner e Omena (2008), ao considerar variantes morfossintáticas, pragmáticas e discursivas, portanto para além das consagradas fonético-fonológicas, a Teoria da Variação introduz a significação como elemento de análise, porém, conforme demonstrado na discussão sobre a troca de artigos entre Labov e Lavandera, a admissão desse novo elemento não foi de fácil aceitação. Os estudos variacionistas, de forma geral, consideram que o significado linguístico não se encerra nas variantes isoladas, mas na interação dessas formas com os contextos linguísticos ou situacionais em que ocorrem, assim os grupos de fatores semânticos e discursivos são muito importantes para a identificação do significado das variantes. A seguir, trataremos de um grupo de fator semântico bastante discutido na área e que faz parte do nosso trabalho: animacidade (+humano/-humano).

Cardoso (2005), ao analisar a variação da concordância verbal em uma mulher de 40 anos de idade, oriunda de zona rural do Maranhão e residente há 8 anos na periferia urbana do Distrito Federal, com 3 anos de escolaridade, controlou, dentre os grupos de fatores, o papel do *traço humano do sujeito*, que foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo programa como mais significativo estatisticamente. Os resultados foram os seguintes: de 461 dados com marca explícita de plural no verbo, 244 apresentam estruturas do tipo “Nós SAMO nove”<sup>11</sup>, “Os pai dele BOTARO ele na escola” e “FORAM até quatro hora da manhã essas menina lá em casa”, em que o núcleo do sujeito é [+humano]. O efeito do núcleo [+humano] na presença da variável explícita de plural é de 56%, com peso relativo de 0.54. Quanto aos dados com núcleo do sujeito [-humano], apenas 7, num total de 32, apresentam o verbo no plural, em estruturas como “Muitos anos de vida SÃO meus voto de felicidade(...)” e “Tem muitas coisa assim que SÃO meio desagradável”. É uma frequência de 21% com peso relativo

---

<sup>11</sup>Os exemplos foram extraídos de Cardoso (2005, p.63).

de 0.13 para esse fator. A diferença entre o peso relativo de estruturas com verbo no plural e núcleo do sujeito [+humano] e as com verbo no plural e núcleo do sujeito [-humano] é bastante significativa (0.41). Portanto, os sujeitos com traço [+humano] favorecem a concordância verbal padrão como mostrado, enquanto os sujeitos com o traço [-humano] desfavorecem decisivamente a concordância.

### 2.2.1.2. Fatores externos

Nesta subseção, trataremos de algumas variáveis extralinguísticas relevantes em nosso trabalho: *sexo* e *idade*, fatores intrínsecos ao indivíduo, e *escolaridade*; embora também possam ser consideradas, em pesquisas sociolinguísticas, variáveis sociogeográficas (como região de origem, renda, profissão e classe social) e estilísticas (relacionadas ao grau de formalidade e tensão discursiva), não trataremos destas últimas porque não fazem parte dos grupos de fatores selecionado para nossa pesquisa.<sup>12</sup>

#### 2.2.1.2.1. Gênero/sexo

Quando comparamos os dois sexos, as diferenças físicas são as mais explícitas nas falas de homens e mulheres: enquanto eles possuem voz mais grave e mais baixa, elas apresentam-na mais aguda e mais alta. Porém, embora essas distinções sejam relevantes fisiologicamente, elas não são o centro de interesse da Sociolinguística, que investiga a correlação entre os fenômenos linguísticos variáveis e a variável *gênero/sexo*. A Sociolinguística preocupa-se, segundo Paiva (2008), com a ocorrência de formas variantes, sobretudo envolvendo a oposição padrão e não padrão, com o processo de implementação de mudanças associadas ao sexo do falante e com a construção social de papéis masculinos e femininos.

Ao comparar o uso de formas linguísticas prestigiadas e desprestigiadas nas falas de ambos os sexos, alguns trabalhos de orientação variacionista indicam que as

---

<sup>12</sup>Os grupos de fatores selecionados para a pesquisa estão detalhados na metodologia desta dissertação.

mulheres fazem maior uso de variantes linguísticas prestigiadas socialmente, nos diversos níveis da língua (fonológico, morfossintático, semântico e discursivo). Vejamos alguns exemplos:

a) Fischer (1958, apud Paiva, 2008), ao analisar a variação na pronúncia do sufixo inglês formador de gerúndio -ing, verifica que a pronúncia velar, forma padrão, predomina na fala das mulheres, sendo menos recorrente no discurso masculino, em que há maior uso da forma não padrão, com apagamento da velar; b) Mollica, Paiva e Pinto (1989), ao verificarem, na variedade carioca do português brasileiro, a supressão da variante vibrante nos grupos consonantais (*problema/poblema*, *proprietário/proprietário*), constataram que as mulheres utilizam mais a forma padrão (sem a supressão da vibrante) que os homens; c) Scherre (1996), ao estudar a concordância entre os elementos internos do sintagma nominal plural, concluiu que a presença da marca de concordância entre os elementos do sintagma (variante prestigiada) ocorre mais na fala feminina que na masculina e d) Paredes da Silva (1996), analisando uma variável discursiva, verifica a alternância entre as formas de tratamento de segunda pessoa *tu* e *você*, chegando à conclusão de que a ocorrência do pronome *tu* sem a concordância com o verbo, conforme se vê em “Tu come muito.”, é mais recorrente na fala masculina que na feminina.

Outra questão levantada pela Sociolinguística é a intervenção do fator *gênero/sexo* na mudança linguística. A esse respeito, Labov (1994) afirma que, de forma geral, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança, podendo estar à frente dos homens em até uma geração. Porém, ao correlacionarmos a variável *gênero/sexo* à mudança linguística, devemos considerar o valor social da variante inovadora que pode ser uma forma prestigiada ou estigmatizada socialmente. Segundo Labov (1994), quando se trata de implementar uma forma linguística socialmente prestigiada, as mulheres, em geral, lideram o processo; caso contrário, sofrendo a forma linguística de estigma social, os homens tomam a dianteira do processo, e as mulheres assumem uma atitude mais conservadora.

Segundo Paiva (2008), também é importante considerarmos a variável *gênero/sexo* em relação a outras variáveis sociais. Na interação com a variável *classe*

*social*, a autora indica que as diferenças mais evidentes nas falas de homens e mulheres ocorrem, de forma geral, nos grupos sociais intermediários, sobretudo na classe média. Ao cruzar com a variável *estilo de fala*, a autora constata que as maiores diferenças nas falas de ambos os sexos ocorrem em estilos mais formais de interação: quanto maior a formalidade do discurso, aumenta em maior proporção o índice da variante padrão na fala feminina em relação à masculina, demonstrando que as mulheres são mais sensíveis ao valor social das formas linguísticas que os homens. Em relação com a variável *faixa etária* do falante, nas sociedades ocidentais, são mais semelhantes as falas de homens e de mulheres entre os indivíduos mais jovens, enquanto é maior a disparidade entre os falantes mais velhos. Isso ocorre, em parte, devido à reorganização da estrutura familiar: enquanto as mulheres, até meados da década de 1970, ocupavam funções meramente domésticas, voltadas, sobretudo, à educação dos filhos, nas últimas quatro décadas, elas têm assumido também a responsabilidade de ingressar no mercado de trabalho, desenvolvendo atividades anteriormente exercidas apenas pelos homens, o que resulta na aproximação da fala dos dois sexos nas faixas etárias mais jovens. Na relação da variável *gênero/sexo* com a variável *anos de escolarização*, Paiva (2008) aponta que as mulheres mostram-se mais receptivas à ação normativa da escola que os homens, uma vez que incorporam, com mais facilidade, os modelos escolares, logo, quanto mais tempo na escola, maior a assimilação das formas padrões pelas mulheres em relação aos homens.

#### **2.2.1.2.2. Escolaridade**

Segundo Votre (2008), a escola gera mudanças no uso da língua das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Porém, atua no sentido de favorecer a permanência das formas de prestígio, face a tendências de mudanças nessas comunidades, impondo a seus frequentadores o uso das formas linguísticas entendidas como corretas, cultas e de bom gosto, eleitas e consagradas pela literatura nacional, representada, sobretudo, pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Para fazer uma análise criteriosa da variável escolaridade, o autor estabelece algumas “distinções no

interior de categorias presentes na dinâmica social em que interage a escola”: a primeira é entre forma de prestígio social e entre forma neutra; a segunda é entre fenômeno estigmatizado socialmente e fenômeno imune à estigmatização; a terceira é entre fenômenos que são objeto de ensino escolar e outros que não são; a quarta é entre fenômenos discursivos e gramaticais e, por fim, distinção entre fala e escrita. Para nossas considerações, merecerão destaque apenas as duas primeiras distinções.

A primeira distinção (forma de prestígio social e forma neutra) tem como foco o *status* econômico e o prestígio social dos usuários da língua. As formas de expressão prestigiadas pela sociedade são aquelas usadas pelas pessoas que fazem parte das escalas socioeconômicas mais prestigiadas, em oposição às formas utilizadas pelos membros das camadas sociais mais baixas. As formas de prestígio social ocorrem em contextos mais formais, entre interlocutores que dominam a língua culta e que são modelos de correção de fala e escrita, geralmente com nível superior de ensino; também são veiculadas pela literatura nacional, que as transforma em língua padrão que deve ser ensinada nas escolas. Já as formas linguísticas desprestigiadas ocorrem, frequentemente, em contexto de interação informal, não são aceitas pela literatura oficial e, portanto, sofrem rejeição da escola.

A segunda distinção (fenômeno estigmatizado socialmente e fenômeno imune à estigmatização) centra-se na questão de estigma social. As formas linguísticas utilizadas pelas pessoas que têm baixo prestígio econômico e social tendem a ser vistas como estigmatizadas, inferiores, tanto em termos estéticos quanto discursivos, pelos membros da comunidade linguística. Essas formas sofrem de preconceito social e servem de comentários jocosos na comunidade discursiva, que as trata como objeto de rejeição explícita. Nos livros didáticos, sobretudo nas gramáticas escolares, essas formas são vistas com desprezo, registradas como vícios e erros que devem ser evitados a todo custo pelos estudantes e extirpados pela escola. Enquanto as formas linguísticas veiculadas pelas pessoas que gozam de prestígio econômico e social, ao contrário daquelas, não sofrem de qualquer estigma.

Deste modo, segundo Votre (2008), o processo de escolarização tradicional atua no sentido de frear os processos de variação e mudança linguísticas, uma vez que ele



como objeto de ensino apenas formas da língua relacionadas a falantes que tem prestígio econômico e social elevados.

#### **2.2.1.2.3. Idade**

Nesta subseção, examinaremos a relação entre o fator idade e a mudança linguística. Conforme Labov (1994), a melhor forma de compreensão da mudança linguística em progresso é por meio de dois métodos de observação: mudança em tempo aparente e mudança em tempo real. Observar a mudança não é fazer um simples relato dessa língua, essa tarefa exige a observação de dois estados quaisquer do sistema para se constatar que se trata, realmente, de um estado de continuidade dessa língua.

A mudança em tempo aparente ocorre quando, em um determinado tempo  $x$ , falantes de distintas faixas etárias apresentam estágios diferentes da língua: a variante inovadora, ausente ou pouco presente na fala dos indivíduos mais velhos, tem uma presença muito forte entre os membros das faixas etárias mais jovens da população. Entretanto, caso seja verificada a relação entre a variável linguística em foco e a idade, não se tratará necessariamente de uma mudança em progresso, podendo tratar-se de um processo de mudança em gradação etária, que consiste numa mudança regular de comportamento linguístico que se repete a cada geração, de acordo com a idade, portanto o indivíduo passa toda sua vida mudando o comportamento linguístico, e a comunidade permanece inalterada. Labov (1994) ressalta que a distribuição das variáveis linguísticas ao longo das faixas etárias não pode, necessariamente, representar mudança na comunidade como um todo, mas um modelo de gradação etária reiterado a cada geração. Muitas variáveis linguísticas bem estabelecidas apresentam-se como gradação etária, quando adolescentes e adultos jovens utilizam livremente variantes estigmatizadas, mais que falantes de meia idade, sobretudo enquanto não são observados.

Segundo Labov (op. cit.), há duas formas de fazer a observação da mudança linguística em tempo real: em termos utilizados pela Sociologia, são os estudos de painel e de tendência. No primeiro e mais eficiente tipo, enumera-se uma amostra

representativa da população de forma geral, obtêm-se e analisam-se dados dessa amostra, repetindo-se o mesmo procedimento com uma nova amostra anos mais tarde; caso se esteja lidando com uma população urbana formada por um grande número de indivíduos, é improvável que a segunda amostra inclua algum dos indivíduos utilizados na primeira.

No segundo tipo, tentam-se localizar os mesmos indivíduos utilizados na primeira amostra, para a realização da segunda amostragem, monitorando-se todas as mudanças linguísticas sofridas por eles, através dos mesmos testes, questionários e ensaios a que eles foram submetidos; este procedimento é considerado mais caro e complicado, porque a amostra inicial deve ser grande o bastante para suprir as perdas que são inevitáveis.

Labov (op. cit.) afirma que as mudanças linguísticas podem ser distinguidas, de forma geral, em “mudanças de cima” e “mudanças de baixo”, de acordo com o nível de conhecimento dos indivíduos e a posição que ocupam na hierarquia socioeconômica. “Mudanças de cima” são aquelas introduzidas pela classe social dominante, normalmente são advindas de empréstimos de outras comunidades de fala prestigiadas por essa classe. “Mudanças de baixo”, conforme afirma o autor, são mudanças sistemáticas que representam a operação de fatores linguísticos internos, aparecem, inicialmente, no vernáculo e podem ser introduzidas por qualquer classe social, seja dominante, intermediária, ou dominada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, referencial teórico desta pesquisa, que trata dos processos de variação e mudança linguísticas, considerando condicionamentos internos e externos ao sistema linguístico. Apresentamos conceitos e métodos de análise da teoria, como o de “heterogeneidade sistemática”, “regra variável”, “variantes” e o programa “Goldvarb”, bem como pesquisas que consideraram esta proposta teórica. Esses conceitos e métodos serão retomados nos capítulos **Procedimentos Metodológicos** e **Análise dos Dados**. Por

tratarmos de variação na concordância com coletivos, o referencial teórico aqui apresentado é de crucial importância para nossas etapas de pesquisa: coleta e codificação de dados, análise quantitativa e qualitativa de fatores internos e externos ao sistema e discussão sobre variação e mudança linguísticas.

### 3. O TRATAMENTO DA CONCORDÂNCIA VERBAL

Neste capítulo, apresentaremos o posicionamento de gramáticos de Língua Portuguesa e algumas pesquisas desenvolvidas, em Linguística, sobre concordância verbal, no Brasil. Na seção 3.1, tratamos da concordância verbal com coletivos desde o Português arcaico até o estágio contemporâneo da língua e, na seção 3.2, apresentamos alguns trabalhos desenvolvidos em sociolinguística sobre concordância verbal.

#### 3.1. A tradição gramatical

A pluralização de verbo ligado a sujeito coletivo formalmente singular, em Português, é um fato remoto da história da língua, podendo ser até mesmo entendido como tradicional, uma vez que tem sido transmitida por diversas gerações numa mesma comunidade, seja na linguagem artística (literária), seja nas diversas práticas de linguagem comum (Mattos, 2003).

Pereira (1924) afirma que o português e as demais línguas neolatinas<sup>13</sup> herdaram da língua-mãe o processo sintático de concordância<sup>14</sup>, que, em se tratando de sujeito coletivo, é considerada pelo autor como uma anomalia, a que chama de silepse, quando a concordância se opera não com o termo expresso, mas com um termo mental, diverso em número do sugerido pelo sujeito expresso. Segundo o autor, não são raros os casos em que um sujeito coletivo singular leva o verbo ao plural, uma vez que o coletivo é um plural lógico, e isto ocorre, sobretudo, quando a ação predicativa se mostra como praticada por cada um dos indivíduos isoladamente, e não pela coletividade como um todo, conforme os exemplos:

**“POVOAM** os degraus *muita sorte de gente.*”

(Souza. In Pereira, 1924, p.331)

---

<sup>13</sup>Entende-se por línguas neolatinas aquelas que evoluíram a partir do Latim, como: Português, Italiano, Espanhol, Francês, Romeno e Catalão.

<sup>14</sup>Pereira (1924) considera concordância verbal a acomodação sintática do verbo ao número (singular ou plural) e à pessoa gramatical (primeira, segunda ou terceira) do sujeito com que se relaciona.

“**ESTAVAM** pregados com ele uma *infinidade de gente*.”

(Souza. In Pereira, 1924, p.331)

“Simão Mago apelidou um dia um *povo* para o **VEREM** subir aos céos.”

(Padre Antônio Vieira. In Pereira, 1924, p.331)

O autor afirma que tanto o Latim quanto o Português arcaico eram mais sensíveis à ação lógica do sujeito coletivo, em comparação com o português atual, como vemos em:

“*Magna multitudo* **CONVENERANT**.”<sup>15</sup>

(M. Pinto. In Pereira, 1924, p.331)

“**POVOAVAM** os degraus toda a *sorte de gente*.”

(Pereira, 1924, p.331)

Esse fenômeno, segundo o autor, explica-se pelo fato de que os povos mais antigos se impressionavam mais com a realidade das coisas do que com a subjetividade representativa das palavras. A concordância que se opera com a ideia plural suscitada pela palavra no singular chama-se lógica ou mental, deste modo, percebe-se que a ideia se objetiva ou reflete a realidade externa. Contudo, o autor adverte que tal uso, em Português moderno, é inadequado, logo devemos evitar construção como “O povo traziam”.

Barboza (1830) chama de coletivos os substantivos que, no singular, significam multidão, quer de pessoas, quer de coisas. O autor divide-os em dois grupos: gerais e partitivos. Os gerais podem ser indeterminados (nação, cidade, povo, exército, arvoredos, rebanho) ou determinados (noventa, dezena, onzena, dúzia, centena, milhar). Os partitivos são distributivos (a metade, o terço, o quarto, o quinto, a oitava) ou

---

<sup>15</sup>“Uma grande multidão reuniam-se ali.” (tradução nossa).

proporcionais (o dobro, o quádruplo, o cêntuplo).

Conforme o autor, quando um substantivo coletivo partitivo do singular é seguido pela preposição “de” e por um nome plural, o verbo concorda com o plural, e não com o singular, conforme:

“**ESTAVÃO** pegados com elles huma *infinidade de homens*.”

(Souza. In Barboza, 1830, p.382.)

“A multidão de artificios de fogo, que continuamente **SUCEDIÃO**, huns aos outros, **ALUMIAVÃO** a fumaça de pólvora.”

(Pinto Pereira. In Barboza, 1830, p.382.)

Quando o substantivo coletivo for geral e partitivo, igualmente seguido de preposição “de” e por um nome no plural, o verbo deve concordar com o coletivo singular, e não com o nome de plural, como em:

“O exército <sup>16</sup>dos infiéis **FOI** inteiramente derrotado.”

(Barboza, 1830, p.382.)

Em caso de substantivo coletivo sozinho ou acompanhado de preposição “de” e de um nome no singular, o verbo pode concordar com o coletivo, forma singular, ou, pela silepse, pode concordar com os muitos indivíduos que o coletivo compreende, como se observa em:

“**POVOAVÃO** os degraus muita *sorte de gente*, que **PARECIÃO** pobres” ou “**POVOAVA** os degraus muita *sorte de gente*, que **PARECIA** pobre”.

(Souza. In Barboza, 1830, p.383)

---

<sup>16</sup>Coletivos que indicam corporações públicas ou privadas não entrarão em nossas análises.

Said Ali (1964) afirma que são coletivos os substantivos que consideram os indivíduos de maneira agrupada, como *multidão*, *exército*, *banda*, *alcateia*, entre outros. Ao uso do verbo com sujeito designado por coletivo, afirma o autor que a forma singular é a mais ordinária, por exemplo:

“Muita *gente* da terra se **ACHAVA** morta pela rua.”

(Barros. In Said Ali, 1964, p.293)

“Da armada a *gente* **VIGIAVA**.”

(Camões. **Os Lusíadas**. In Said Ali, 1964, p.293)

Contudo, o autor afirma que, em algumas situações, os escritores preferem o uso do verbo no plural, principalmente, quando se quer impressionar pelo número considerável de indivíduos, como em:

“Vendo os nossos como a *gente* destas terradas **ANDAVAM** nadando por se acolher a terra.”

(Barros. In Said Ali, 1964, p.293)

E se a referência ao coletivo vier afastada pela interposição de outros elementos, conforme:

“Sahindo a *gente* descuidada, **CAHIRÃO** facilmente na cilada.”

(Camões. In Said Ali, 1964, p.293)

“O grande estrondo a maura *gente* espanta, como se **VISSEM** horrinda batalha. Não **SABEM** a razão de fúria tanta. **CUIDAM** que seus enganos são sabidos.”

(Camões. In Said Ali, 1964, p.293)

Contudo, o autor ressalta que, predominando o sentimento de coletividade sobre o de

seres individuais, usa-se o verbo no singular:

“Não se **CONTENTA** a *gente* portuguesa, mas seguindo a victoria **ESTRUE** e **MATA**; a povoação sem muro e sem defesa esbombardeia, **ACCENDE** e **DESABARATA**.”

(Camões. In Said Ali, 1964, p.293)

A concordância verbal é também tratada, recorrentemente, nas gramáticas normativas atuais de Língua Portuguesa, merecendo destaque, nesta pesquisa, os compêndios gramaticais de Cunha (1986), Bechara (2001), Terra (2002) e Ferreira (2003), e em alguns livros didáticos voltados, sobretudo, ao Ensino Médio, como os de Amaral et alii (2003), Cereja e Magalhães (2005), Maia (2005) e Terra e Nicola (2008).

Esses autores, de forma geral, prescrevem as regras de concordância nos mais diversos casos de sujeitos simples e compostos, antepostos ou pospostos ao verbo, inclusive com nome coletivo, o qual definem como um substantivo comum que, embora estando na forma singular, faz, semanticamente, referência a uma coleção ou conjunto de seres ou coisas da mesma espécie, como “bando”, “povo”, “matilha”, “enxame”, “acervo”, “arquipélago”, entre outros.

Essas obras tratam da concordância verbal com coletivos junto aos demais casos de concordância ou em capítulos voltados ao estudo das figuras de linguagem, mais especificamente quando abordam a silepse, mecanismo que consiste em fazer a concordância não com a forma gramatical das palavras, mas com o sentido, com a ideia que expressam. Porém, a concordância, em Português, é, canonicamente, feita com a forma e não com o conteúdo, portanto, para a gramática tradicional, a silepse fere a norma padrão da língua, assim essas obras prescritivas admitem a concordância ideológica, de forma geral, apenas na linguagem literária, conforme demonstraremos a seguir.

Cunha (1986) e Ferreira (2003) tratam como um caso de silepse de número o uso do verbo com sujeito coletivo, quando o verbo adéqua sua forma à ideia de plural veiculada pelo coletivo. Para Cunha (op.cit.), tal “anomalia” apenas é concedida



à Literatura, como forma de permitir aos textos maior expressividade, através dos “desvios nas estruturas frásicas”, conforme os exemplos:

“O *casal* não tivera filhos, mas **CRIARAM** dois ou três meninos.”<sup>17</sup>

(Augusto F. Schmidt, *O Galo Branco*, 1957. Cunha, 1986, p.585)

“Prostra-se o *povo* humilde, e repetindo-se

As palavras do mestre **PRONUNCIAVAM**

As santas orações da madrugada”.

(F. Varela. *Poesias Completas*, 1957. Cunha, 1986, p.586 )

Ferreira (2003) considera que a silepse de número caracteriza-se pela divergência de formas entre os dois números (singular e plural), por exemplo:

“A *plateia* ficou extasiada com a belíssima apresentação da orquestra sinfônica e, no final do concerto, **APLAUDIRAM**<sup>18</sup> de pé o maestro e os músicos”.

(Ferreira, 2003, p.643)

Porém, segundo o autor, essa concordância, na norma culta da língua, somente se justifica quando, entre o sujeito singular e a forma verbal, interpõem-se outros termos ou orações:

“O *rebanho* andava a esmo pela planície árida: **TENTAVAM** inutilmente achar água”.

(Ferreira, 2003, p.643)

---

<sup>17</sup>O autor considera que, nestes casos, mantém-se a relação entre sujeito e verbo, embora estando ambos em orações distintas, logo a distância não se limita ao plano intra-oracional, mas inter-oracional. Porém, conforme demonstraremos, na metodologia, estes casos não farão parte de nossas análises, pois consideramos que, estando coletivo e verbo em orações distintas, há apagamento ou indeterminação do sujeito, portanto não se sabe se o apagamento do sujeito refere-se ao coletivo da oração anterior (*casal*) ou ao pronome plural (*eles*).

<sup>18</sup> Idem nota 17.

Portanto, não havendo distância entre os dois termos, é inaceitável, na norma culta da língua, caso como:

“O rebanho **ANDAVAM** a esmo pela planície árida”.

(Ferreira, 2003, p.644)

Bechara (2001) e Terra (2002) tratam do assunto no próprio capítulo sobre concordância, o que confere maior importância ao tema. Para Bechara (op.cit.), quando o sujeito for um nome coletivo ou um pronome que indique coletividade, o verbo deve preferencialmente flexionar-se no singular, mas também pode ir para plural, embora afirme que tais construções devam ser evitadas, sobretudo, por questões sonoras e estilísticas, como em:

“O povo **TRABALHAM**”. (Bechara, 2001, p.555)

Contudo, o autor destaca que, em caso de distância acentuada entre sujeito e verbo e caso se queira acentuar a ideia de pluralidade do coletivo, admite-se que o verbo vá para o plural, como em:

“Começou o *povo* a alborotar-se e, pegando do desgraçado cético o **ARRASTARAM**<sup>19</sup> até o meio do rossio e ali o **ASSASSINARAM**, e **QUEIMARAM**, com incrível presteza”.

(Alexandre Herculano. *Fragmentos Literários*. Bechara, 2001, p.555)

“A *plebe* vociferava as mais afrontosas injúrias contra D.Leonor: e se **CHEGASSEM** a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso”.

(Alexandre Herculano. *Fragmentos Literários*. Bechara, 2001, p.544)

---

<sup>19</sup> Idem nota 17.

Terra (2002) afirma que o verbo deve acompanhar o número do coletivo, portanto, quando o coletivo estiver no singular, verbo também na forma singular e, quando o coletivo estiver no plural, verbo também no plural, conforme demonstra em:

“O *bando* **PERTUBOU** a pacata cidade” e

“Os *bandos* **PERTUBARAM** as pacatas cidades”.

(Terra, 2002, p.304).

Porém, o gramático considera que, caso venha o sujeito acompanhado por adjunto adnominal com núcleo plural, pode o verbo concordar com o coletivo ou com o núcleo do adjunto:

“A *multidão* de fanáticos torcedores **APLAUDIU** a linda jogada” e

“A *multidão* de fanáticos *torcedores* **APLAUDIRAM** a linda jogada”.

(Terra, 2002, p.304).

Isso se aplica também às expressões partitivas que indicam coletividade:

“*Grande parte* dos torcedores **COMPARECEU** ao estádio” e

“*Grande parte* dos *torcedores* **COMPARECERAM** ao estádio”.

(Terra, 2002, p.304).

Quanto aos compêndios didáticos, Terra e Nicola (2008), em capítulo sobre concordância verbal, tratam da concordância ideológica (silepse) como aquela que se faz não com a forma das palavras, mas com o sentido subentendido nelas; em se tratando de silepse de número (nome coletivo), o conteúdo veiculado é plural, embora a forma seja singular, porém não deixam claro em qual contexto (literário, padrão, não padrão) é apropriado o uso de tal construção: “A *turba partiam furiosa contra o assassino*”.<sup>20</sup>

Amaral et alii (2003) esclarecem que a concordância do verbo com coletivo

---

<sup>20</sup> Exemplo nosso.

singular deve ser no singular, seguindo critérios formais:

“A *alcateia* **ATACOU** ferozmente o rebanho”.

(Amaral et alii, 2003, p.367).

Entretanto, consideram legítimo, na literatura, quando o autor se afasta da norma gramatical para fazer a concordância com a ideia veiculada pela palavra, sobretudo quando seja acentuada a distância entre sujeito e verbo, por exemplo:

“Aqui dos Citas *grande quantidade*  
vive que antigamente grande guerra  
**TIVERAM** sobre a humana antiguidade”.

(Luís V. de Camões. *Os Lusíadas*. Amaral et alii, 2003, p.32)

Maia (2005) também prescreve que a concordância verbal deve ser com a forma do sujeito, portanto, em se tratando de sujeito coletivo, o verbo deve realizar-se no singular, porém, quando houver grande distância entre sujeito e verbo, a concordância pode ser ideológica, tanto na arte literária quanto na língua padrão, como vemos no seguinte exemplo:

“Esta *gente* não terá vindo? Parece que não. Já **SAÍRAM**<sup>21</sup> há um bom tempo”.

(Maia, 2005, p. 450)

Já Cereja e Magalhães (2005) afirmam que, com este tipo de sujeito, o verbo deve flexionar-se no singular, conforme: “O povo aclamou o candidato” (Cereja e Magalhães, 2005, p.231). Porém, consideram que, em caso de estar o coletivo distante ou acompanhado de adjunto, pode o verbo ficar no singular ou ir para o plural, por exemplo:

---

<sup>21</sup> Idem nota 17.

“O grupo de estudantes **GRITAVA** palavras de ordem” ou  
“O grupo de estudantes **GRITAVAM** palavras de ordem”.<sup>22</sup>

(Cereja e Magalhães, 2005, p.231).

“O elenco se reuniu e, depois de muita discussão, **RESOLVEU**  
continuar espetáculo” ou

“O elenco se reuniu e, depois de muita reunião **RESOLVERAM**  
continuar o espetáculo”

(Cereja e Magalhães, 2005, p.231).

Em síntese, tanto nas gramáticas normativas quanto nos livros didáticos, encontram-se normas que prescrevem o uso do verbo na terceira pessoa do singular com sujeito coletivo formalmente singular. Os autores apontam, de forma geral, o contexto de linguagem literária, a distância mais acentuada entre sujeito e verbo e a presença de adjunto adnominal plural do sujeito como legítimas situações de uso do verbo no plural. Portanto, ao realizarmos o estudo sobre concordância verbal com nomes coletivos, contribuimos para a discussão, descrição e análise dos fatores atuantes no fenômeno.

### **3.2. Pesquisas variacionistas sobre concordância verbal**

Nesta seção, apresentaremos algumas pesquisas variacionistas que abordaram a concordância verbal, em Português Brasileiro, com sujeito de terceira pessoa (singular e/ou plural) e, especificamente, com nome coletivo.

#### **3.2.1. Concordância verbal com sujeito de terceira pessoa**

---

<sup>22</sup> Expressão partitiva que indica coletividade.

Algumas pesquisas variacionistas abordaram a concordância verbal no Português Brasileiro, dentre as quais destacamos: Scherre e Naro (2007), Scherre e Naro (2006), Pereira e Rodrigues (2004), Silva (2004), Monguilhott e Coelho (2002), que trataram da concordância entre verbo e sujeito de terceira pessoa, uma vez que o nome coletivo insere-se neste tipo de sujeito.

Scherre e Naro (2007) abordam as condições que permitem o controle da concordância verbal pelo núcleo do sujeito ou o deslocamento do controle para o núcleo do sintagma nominal encaixado, em sujeitos de estrutura complexa, levando em conta as variáveis linguísticas *traço humano do sujeito* e *saliência fônica verbal*. Os autores consideraram quatro tipos distintos de sujeitos de estrutura complexa: i) sujeito mais forte (núcleo do sintagma nominal não quantificado singular): “a mulher dos grandes centros urbanos trabalha fora” (Scherre e Naro, 2007, p.4); ii) sujeito menos forte (núcleo do sintagma nominal quantitativo): “a maioria dos pais impõem restrições às práticas das crianças de assistir televisão” (Scherre e Naro, 2007, p.8); iii) sujeito mais fraco (núcleo do sujeito expresso por porcentagens): “75% da população apoiam a entrada de Erundina no ministério” (Scherre e Naro, 2007, p.12) e iv) expressão não sujeito (papel de sujeito sem traços formais e semânticos do mesmo): “cerca de 75 milhões de brasileiros convivem com vários tipos de dificuldades” (Scherre e Naro, 2007, p.17). Foram analisados 1500 dados de língua escrita, extraídos de textos públicos contemporâneos, produzidos por pessoas escolarizadas e submetidos a um mínimo de revisão. Dentre os grupos de fatores selecionados, destacam-se: (a) *tipo de sujeito (mais forte, menos forte, mais fraco e expressão não sujeito)*; (b) *traço humano de animacidade (traço [+humano] e [-humano])* e (c) *saliência da oposição singular versus plural (menos saliente, vende/vendem; mais saliente, fez/fizeram)*.

Em outro estudo, Scherre e Naro (2006) tratam da concordância de número verbal no Português Brasileiro falado na cidade do Rio de Janeiro. Os autores verificaram três tipos de concordância: i) entre verbo e sujeito: “cumé que eles VIVEM lá fora?” (variante explícita) e “eles VIVEØ dizem isso” (variante zero) (Scherre e Naro, 2006, p.2). Para tanto, consideraram três amostras de fala da capital fluminense: i) Amostra 1980-C: amostra aleatória de 64 falantes do Rio de Janeiro gravados no final

da década de 1980; ii) Amostra 2000-C: amostra aleatória de 32 falantes do Rio de Janeiro gravados no final da década de 2000 e iii) Amostra 2000-I: grupo não aleatório de 16 falantes da amostra de 1980, reconsultados no final de 1999 e início de 2000, após um intervalo médio de 18 anos.

Para estudarem o fenômeno, os autores selecionaram as variáveis *saliência fônica* (*menos salientes e mais salientes*) e *anos de escolarização* (*faixa I: de 1 a 4 anos; faixa II: de 5 a 8 anos e faixa III: de 9 a 11 anos de estudo*), analisando-as separadamente. Sobre a *saliência fônica*, os pesquisadores constataram que as estruturas mais salientes favoreceram a manutenção da concordância nas três amostras, com pesos relativos de 0.72 (1980-C), 0.66 (2000-C) e 0.65 (2000-I), enquanto as menos salientes desfavorecem a concordância, com índices respectivamente de 0.31 (1980-C), 0.35 (2000-C) e 0.37 (2000-I). Quanto à variável *anos de escolarização*,<sup>23</sup> evidenciou-se que os maiores níveis de escolaridade favorecem a concordância, ao passo que os menores níveis desfavorecem, conforme suposto inicialmente pelos pesquisadores: na amostra 1980-C, para a concordância verbal, constataram-se pesos relativos de 0.41 (faixa I) e 0.53 (faixas II e III); na amostra 2000-C, os pesos relativos foram de 0.32 (faixa I), 0.57 (faixa II) e 0.78 (faixa III). Por fim, os autores cruzaram as duas variáveis e chegaram à conclusão de que há uma tendência à diminuição do efeito da *saliência fônica* sobre o fenômeno motivada pela pressão exercida pela escolaridade sobre os falantes, sobretudo com o crescente acesso aos maiores níveis de instrução pelos brasileiros.

Pereira e Rodrigues (2004) analisam a concordância verbal com sujeito de terceira pessoa do plural, por idosos de ambos os sexos, com baixo ou nenhum grau de escolaridade, residentes na zona rural dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, considerando a modalidade oral da língua. O corpus utilizado é constituído por 7 inquéritos do Projeto Filologia Bandeirante, em que se encontraram 293 ocorrências que apresentaram demasiada variação nos índices de concordância, cuja regra variável é a presença *versus* a ausência da desinência de plural nos verbos, conforme se vê em “eles falavam” *versus* “eles falava”. Os dados foram divididos em quatro distintos tipos

---

<sup>23</sup>O autores não consideraram a amostra 2000-I na análise desta variável.

de estruturas: i) sujeito determinado (52% do corpus), por exemplo<sup>24</sup>: “**os meus neto vai** lá na seti vorta (...) então...é lá qui **elis estuda**” (Pereira e Rodrigues, 2004, p.2); ii) sujeito indeterminado (16% do corpus): “aqui nu **roba** mais nu calipero **robaru** (...) genti que veio de fora” (Pereira e Rodrigues, 2004, p.2); iii) pronome anafórico “tudo” de sujeito plural ou de sujeito coletivo singular (10% do corpus): “esse povo do rio abaixo **tudo são** parenti meu” e “eu sô pai di quinze filho ... QUINze (...) **tudo** vivu ... nove muiér e de seis homim (...) **tão** tudo bem de vida também” (Pereira e Rodrigues, 2004, p.4) e iv) sujeito coletivo singular ( 22% do corpus): “o **peçoal viviam** de lavora” e “a **turma gosta** disso” (Pereira e Rodrigues, 2004, p.5). Dentre os grupos de fatores selecionados, foram relevantes os seguintes: (a) *saliência fônica do verbo*, (b) *tipo de sujeito* e (c) *posição do sujeito*.

Quanto à *saliência fônica* da oposição entre as formas verbais do singular e do plural, as autoras verificaram que, nos casos de oposição [+saliente], a taxa de concordância é de 94%, e nos casos de oposição [- saliente], este índice cai para apenas 12%; verificou-se, por outro lado, que a saliência fônica não atua igualmente nas instâncias de sujeito determinado, uma vez que nestas não há um contraste tão significativo entre a percentagem de concordância dos verbos [+ salientes], 31% de concordância, e dos verbos [- salientes], com apenas 9%.

Sobre a variável *tipo de sujeito*, nos casos de *sujeito zero* em estruturas de *sujeito determinado* (i.e. sujeito oculto), constatou-se que há variação na taxa de aplicação da regra de concordância, conforme o referente se encontre (i) próximo (até dez sílabas de distância) (4%), (ii) distante (mais de dez sílabas) (33%), (iii) na fala do informante (16%), (iv) na fala do documentador (0%). Segundo as autoras, os índices mostram que, apenas no contexto (ii), confirma-se a hipótese de que o sujeito oculto favorece a aplicação da regra para facilitar a ligação entre o verbo e o sujeito extra-sentencial. Esta ideia pode ter sido baseada em uma análise indiferenciada de diversos contextos, inclusive os casos de sujeito indeterminado. Conforme destacam as autoras, a ausência simultânea do pronome sujeito e das marcas de pluralidade no verbo não constitui um impedimento para a veiculação da informação, uma vez que o sujeito está

<sup>24</sup>Os exemplos serão apresentados tais quais exibidos pelas autoras.



explicitado nas orações que antecedem essas formas não marcadas, em que o referente se encontra, respectivamente, no turno do informante e na fala do interlocutor; a não concordância, categórica neste segundo contexto, pode ser explicada pelo distanciamento, sintático e semântico, entre as falas de interlocutores diferentes e pelo fato de cada turno constituir uma espécie de “ilha” sob o ponto de vista da progressão tópica.

Quanto à *posição do sujeito em relação ao verbo*, comprovam que, apesar do índice de concordância ser, em geral, baixo em estruturas de sujeito determinado, o contexto de sujeito anteposto ao verbo, que exerce a função discursiva de Tema, favorece a aplicação da regra, e o de sujeito posposto, que desempenha o papel de Rema da oração, desfavorece-a decisivamente (índices de concordância, respectivamente, de 24% e 4%). Nas estruturas de sujeito indeterminado, por outro lado, não há ocorrências de sujeito posposto, uma vez que os sujeitos pronominais registrados no corpus nunca aparecem pospostos. Assim, as autoras levantaram a hipótese de que o sujeito indeterminado favorece a concordância porque é pronominal e anteposto. Contudo, não é isto o que se verificou no corpus, uma vez que, analisando somente as estruturas de sujeito determinado pronominal anteposto (sujeito representado por eles, elas, vocês, ou zero retomando pronome), verifica-se que a taxa de concordância aumenta para 35%, mas ainda é menor do que os índices de concordância em estruturas de sujeito indeterminado.

Ao concluírem a pesquisa, as autoras deixam claro que, diferentemente das postulações de outros autores também da Linguística, o Português Brasileiro não é simplificado por apenas duas formas verbais, a de primeira e a de terceira pessoas do singular, essa última com função para todas as demais pessoas discursivas, e que a concordância com a terceira pessoa do plural não está passando por um processo de eliminação, portanto há também formas verbais mais salientes<sup>25</sup> integrando a gramática subjacente destes falantes.

Silva (2004) trata da variação na concordância verbal com sujeito de terceira pessoa, em redações de vestibular de alunos oriundos de escolas públicas e privadas da

---

<sup>25</sup>As autoras referem-se, como formas verbais mais salientes, à de primeira pessoa do plural e à de terceira pessoa do plural, como em “nós cantamos” e “eles cantam”, respectivamente.

cidade de Rondonópolis, estado de Mato Grosso. O corpus é constituído por 160 redações, 82 do vestibular de 2003 e 78 do vestibular de 2004, das Faculdades Integradas de Rondonópolis (FAIR), de onde foram coletados dados de três tipos: i) sujeito simples (singular ou plural) de estrutura complexa anteposto ao verbo: “a(s) esperança(s) dos brasileiros ESTÃO...” (Silva, 2004, p.9)<sup>26</sup>; ii) sujeito composto de estrutura simples ou complexa anteposto ao verbo: “pais e filhos DEVEM dialogar sempre para manter bom relacionamento” e “projetos sociais que não saem do papel e a má qualidade de ensino público TORNA cada vez mais difícil uma mudança concisa nesse quadro” (Silva, 2004, p.10) e iii) sujeito simples ou composto de estrutura simples ou complexa posposto ao verbo: “a cada segundo, EXISTE outras formas de puni-los, como reeducando com atividades” e “desde os tempos primórdios, EXISTE fome e desigualdade social” (Silva, 2004, p.11). Os grupos de fatores, estatisticamente, relevantes foram os seguintes: (a) *marca de número (singular ou plural)* do sujeito e do sintagma preposicionado em dados de sujeito simples singular ou plural e de sujeito composto; (b) *tipo de sujeito (explícito ou zero)*; (c) *saliência fônica do verbo (menos saliente, vende/ vendem, ou mais saliente, cantou/cantaram, é/são)*; (d) *rede de ensino (pública ou privada)* e (e) *gênero/sexo do falante (masculino ou feminino)*.

Quanto à variável *marca de número (singular ou plural)* do sujeito e do sintagma preposicionado, constatou-se que, referente às marcas de número do sujeito, a concordância verbo/sujeito tende a favorecer a concordância plural quando se trata de sujeito de um ou mais núcleos plurais antepostos ao verbo seguido ou não de Sintagma Preposicionado (Sprep) plural. Nos casos de sujeitos singulares, os núcleos singulares de sujeitos simples favorecem a concordância singular do verbo. Em casos com Sprep, a concordância verbo/sujeito tende a ser regida pelo(s) núcleo(s) do Sintagma preposicionado, quando: a) o sujeito de um só núcleo singular de noção partitiva estiver anteposto ao verbo seguido de SPrep plural; b) o sujeito de um só núcleo singular estiver anteposto ao verbo seguido de SPrep plural; c) o sujeito de um só núcleo singular estiver anteposto ao verbo seguido de SPrep coordenados; d) o sujeito de núcleo plural estiver anteposto ao verbo seguido de SPrep singular. Dessa forma, a

---

<sup>26</sup>Exemplos do próprio texto.

autora verificou que, nos casos em que entra em jogo o núcleo do SPrep, os resultados revelaram indícios desse núcleo assumir a concordância, portanto o controle da concordância foi feito por características formais dos SPrep e pela coordenação de seus elementos. Vejamos alguns exemplos: a) A maioria dos crimes SÃO cometidos por adolescentes; b) A mente de nossos adolescentes ESTÃO vazias; c) A falta de ética e moral SÃO as causadoras de tantas violências que esses jovens criminosos cometem sem pena e sem dó e d) As condições de vida lá dentro É horrível (Silva, 2004, p.12).

Quanto à variável *tipo de sujeito*, revelou-se uma forte tendência à pluralização, quando se tratava de *sujeito zero*, com peso relativo 0.75, logo, o *sujeito zero* se revelou mais atuante do que o *sujeito explícito*, cujo peso relativo foi 0.44 na pluralização do verbo. No caso do *sujeito coletivo singular* anteposto ao verbo, percebeu-se que, independentemente de o verbo estar próximo ou distante do sujeito explícito, houve pluralização da forma verbal, sobretudo em distâncias mais acentuadas.

Quanto à variável *saliência fônica*, revelou-se apenas a influência de aspectos ortográficos, ou seja, observaram-se, nos casos de menor saliência, resultados de 35% de verbo no plural em casos de sujeito singular; nas saliências mais acentuadas, houve 28% de verbos no plural, índice próximo à média geral de 29% quando são considerados todos os grupos de fatores.

Quanto à *rede de ensino*, os resultados revelaram que os alunos oriundos das escolas particulares faziam maior uso da concordância plural, peso relativo 0.66, em casos repudiados pela tradição gramatical do que os alunos oriundos das escolas públicas com peso relativo de 0,43. Segundo a autora, tal resultado foi surpreendente, era de se esperar que tal fenômeno ocorresse com maior frequência com os alunos das escolas públicas, devido ao fato de as mesmas serem estigmatizadas pela má qualidade de ensino.

Quanto à variável *sexo/gênero*, os falantes do sexo feminino, com peso relativo de 0.55, tendem a favorecer a pluralização do verbo, em casos não aceitos pela gramática tradicional, o que não acontece com os do sexo masculino, com peso relativo de 0.40, surpreendendo as expectativas, uma vez que, na maior parte das pesquisas, são os homens quem mais rompem com a orientação normativa.

A autora concluiu que a variação na concordância com este tipo de sujeito não ocorre apenas em função de aspectos semânticos, conforme preconizado pelas gramáticas tradicionais, mas também motivada por aspectos morfossintáticos, e esclarece que a variação é resultado da dinâmica de uso da língua em situações reais de comunicação, sobrepondo-se às prescrições das gramáticas normativas.

Monguilhott e Coelho (2002) também tratam da variação na concordância verbal com sujeito de terceira pessoa do plural, de acordo com a Sociolinguística Paramétrica, que reúne pressupostos teórico-metodológicos da teoria da Variação e Mudança e do modelo de princípios e parâmetros da Gramática Gerativa. As autoras coletaram 1583 dados em 24 entrevistas do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul (Varsul), sendo 1251 ocorrências de verbo no plural (79%) e 332 (21%) no singular. Após tratamento estatístico no pacote Varbrul, que aponta os pesos relativos para cada fator, foram selecionadas as seguintes variáveis: (a) *saliência fônica do verbo*<sup>27</sup>: *oposição não acentuada*, com pesos relativos<sup>28</sup> de 0.02, 0.46 e 0.13, e *oposição acentuada*, pesos relativos 0.88, 0.65 e 0.75; (b) *posição do sujeito: pré-verbal*, peso relativo 0.58, e *pós-verbal*, peso relativo 0.17; (c) *paralelismo formal*<sup>29</sup>: *presença da forma plural explícita no último elemento “eles encrencavam comigo”*, peso relativo 0.54; *presença de numeral no último elemento “sei que dois [foi]- [foru]- foru criado ali”*, peso relativo 0.53, e *presença da forma zero de plural no último elemento “As enfermeira deram um quarto lá pra nós”*, peso relativo 0.32; (d) *traço humano do sujeito: SN [+humano]*, peso relativo 0.55, e *SN [-humano]*, peso relativo 0.28; (e) *tipo de verbo: cópula*<sup>30</sup>, peso relativo 0.63; *transitivo*<sup>31</sup>, peso relativo 0.49; *intransitivo*<sup>32</sup>,

<sup>27</sup>As duas variantes (oposição não acentuada e acentuada) apresentam três níveis distintos, conforme as alterações fonológicas e no acento tônico sofridas pelas formas de singular e plural, por exemplo: *conhece/conhecem*, *ganha/ganham*, *diz/dizem* (não acentuada); *tá/tão*, *bateu/bateram* *é/são*(acentuada) (Monguilhott e Coelho, 2002, p.4).

<sup>28</sup>Os pesos relativos, neste item, referem-se ao favorecimento da pluralização da forma verbal.

<sup>29</sup>Exemplos das autoras (Monguilhott e Coelho, 2002, p.7).

<sup>30</sup>Segundo as autoras, *cópula* são verbos que selecionam uma SC, do Inglês small clause, pequena oração, como *parecer*, *ser*, *andar*. Por exemplo: *E o meus dois irmão sempre foru meio pacatos, assim, né?* (Monguilhott e Coelho, 2002, p.10).

<sup>31</sup>*Transitivos* são verbos que selecionam argumento externo e interno. Exemplo: *Eles davum pão e duas bananas* (Monguilhott e Coelho, 2002, p.10).

<sup>32</sup>*Intransitivos* são verbos que selecionam um argumento externo, figurando na posição de especificador do verbo. Exemplo: *Eles trabalhavu muito com espada* (Monguilhott e Coelho, 2002, p.10).

peso relativo 0.46; e *inacusativo*,<sup>33</sup> peso relativo 0.37; (f) *tipo de sujeito*<sup>34</sup>: *pronome pessoal + pronome demonstrativo* “eles eram improvisados” e “essas são as pessoas que realmente...” peso relativo 0.59; *SN + pronome relativo (que)* “evito assim até de falar com as pessoa que fumu”, peso relativo 0.47; *SN pleno simples + SN pleno nu*: “existia os carrinhos de cavalo” e “porque antigamente entravu navios aqui”, peso relativo 0.45; *quantificador + pronome indefinido* “todos moram aqui” e “embora alguns ainda não entenda assim”, peso relativo 0.22; e *SN pleno composto* “veio três oficiais e dois coronéis”, peso relativo 0.18; (g) *escolaridade* e (h) *idade*.<sup>35</sup> Depois da análise dos resultados, as autoras afirmaram que o trabalho é importante, sobretudo, por demonstrar que a *inacusatividade verbal* não contribui para o favorecimento da concordância, confirmando a hipótese por elas levantada.

### 3.2.2. Concordância verbal com nome coletivo

Quanto a estudos variacionistas no Brasil sobre concordância verbal com nome coletivo formalmente singular, merecem destaque Mattos (2003) e Mattos e Nascimento (2005).

Mattos (2003), além da concordância verbal com nome coletivo singular, analisa a retomada anafórica pronominal com este tipo de sujeito, considerando como característica mais abrangente do coletivo o traço [+humano], excluindo os casos de sujeito com traço [-humano], e de sujeito expandido por sintagma preposicionado com núcleo nominal plural. A autora utilizou amostras de fala de duas capitais brasileiras, Fortaleza e Rio de Janeiro. Da metrópole cearense, selecionou 18 falantes do projeto *A Linguagem Falada em Fortaleza*, em que foram coletados 254 dados no total, dos quais se excluíram 7 casos de anáfora pronominal explícita<sup>36</sup> e 17 casos da variável *tempo*,<sup>37</sup> em que o verbo se realizou, categoricamente, no singular. Os 230 dados

<sup>33</sup>Segundo as autoras, verbos *inacusativos* são aqueles que selecionam um argumento interno gerado na posição de complemento do verbo, como *chegar, sair, existir, morrer*. Por exemplo: *Naquela época a gente ia pra Marinha e chegava aqueles cara lá* (Monguilhot e Coelho, 2002, p.10).

<sup>34</sup>Os exemplos são de Monguilhot e Coelho, 2002, p.13.

<sup>35</sup>As duas últimas variáveis (sociais) não foram discutidas pelas autoras no trabalho.

<sup>36</sup>Por exemplo, “A gente passa para o **peçoal** para **eles** ajudarem”. (Mattos, 2003, p. 11)

<sup>37</sup>Quando foi considerada a variável “tempo verbal”, em todas as variantes, a regra variável (concordância verbal) realizou-se no singular.

considerados apresentaram taxas de 12% de pluralidade verbal com sujeito coletivo e de 88% de singularidade. Destacaram-se, dentre os grupos de fatores selecionados, os seguintes: (a) *saliência fônica* do verbo (*mais acentuada*, com peso relativo de 0.86 de pluralização verbal<sup>38</sup>, e *menos acentuada*, com peso relativo de 0.27 de pluralização verbal); (b) *tipo de sujeito* (*sujeito nulo*, peso relativo de 0.86, coletivos *pessoal+povo+casal*, peso relativo de 0.73 e *demais tipos de coletivos -família, turma, muita gente, todo mundo-* peso relativo de 0.22 e (c) *faixa etária* (*10 a 14 anos*, peso relativo de 0.37, *15 a 25 anos*, peso relativo de 0.62 e *26 a 49 anos*, peso relativo de 0.38).

Na capital fluminense, a autora selecionou 24 falantes da Amostra Censo, do Programa Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), em que se encontraram 539 dados no total, dos quais se excluíram 31 casos de anáforas pronominais explícitas. Nos 508 dados restantes, houve uma taxa de 7% de pluralização verbal e 93% de singularidade. Mostraram-se relevantes, na análise, os seguintes grupos de fatores: (a) *tipo de sujeito* (*sujeito nulo*, peso relativo de 0.84, coletivos *pessoal+povo+casal*, peso relativo de 0.53 e *demais tipos de coletivos -família, turma, muita gente, todo mundo-* peso relativo de 0.30; (b) *saliência fônica do verbo* (*mais acentuada*, com peso relativo de 0.72, e *menos acentuada*, com peso relativo de 0.37) e (c) *anos de estudo* ( *de 1 a 4 anos*, peso relativo de 0.71 e *de 5 a 11 anos*, peso relativo de 0.41).

A autora comparou, em seguida, os resultados das duas cidades, chegando à conclusão de que são, parcialmente, semelhantes: enquanto, em Fortaleza, a variável *saliência fônica* revelou-se a mais importante e a *faixa etária* como segundo grupo selecionado; no Rio de Janeiro, mostrou-se mais relevante a variável *tipo de sujeito*, e houve a presença do grupo de fator *anos de estudo* em substituição à variável *faixa etária*, presente em Fortaleza. A autora discute também o efeito da variável *gênero/sexo* sobre o fenômeno, embora essa não tenha sido selecionada dentre os grupos de fatores: enquanto em Fortaleza, os homens pluralizam mais o verbo com sujeito coletivo que as mulheres, no Rio de Janeiro são elas quem mais fazem uso da forma plural com esse tipo de sujeito. A autora conclui afirmando que o fenômeno não se trata de um caso de

---

<sup>38</sup>Devemos observar que, em se tratando de sujeito coletivo, a pluralização do verbo indica não-concordância verbal.

hipercorreção, pois é um caso de variação motivada mais por fatores linguísticos que sociais.

Mattos e Nascimento (2005) tratam do mesmo fenômeno analisado por Mattos (2003), ou seja, a concordância verbal com nome coletivo singular e a retomada anafórica desse tipo de sujeito, porém, diferentemente de Mattos (2003), consideram a modalidade escrita da língua, através de 34 exemplares de revistas de circulação nacional voltadas para o público juvenil. Do corpus, foram extraídas, inicialmente, 896 ocorrências, de onde se analisaram apenas 218 dados, devido à retirada ou ao rearranjo dos casos categóricos<sup>39</sup>. Dessa forma, os que sobraram para análise apresentaram 17% de pluralização verbal relacionada a sujeito coletivo e 83% de singularização. Dentre os grupos de fatores selecionados, destacaram-se os seguintes: (a) *saliência fônica* (*mais saliente* com 0.93 de peso relativo para pluralização verbal e *menos saliente* com peso relativo de 0.21); (b) *tipo de sujeito* (*sujeito nulo anafórico de “a gente”*, com peso relativo de 0.75, e *sujeito nulo anafórico* com peso relativo de 0.39); (c) *partículas adjacentes ao verbo* (*pronome oblíquo reflexivo adjacente ao verbo*, peso relativo de 0.44, *“que” relativo antes do verbo*, peso relativo de 0.53 e *pronome não reflexivo adjacente ao verbo*, peso relativo de 0.53 e (d) *tipologia das coordenadas* (*assindética*, peso relativo de 0.62, e *sindética*, peso relativo de 0.37). Após os resultados, os autores, comparando as conclusões às de Mattos (2003), confirmaram a importância das duas primeiras variáveis selecionadas (*saliência fônica* e *tipo de sujeito*) para o fenômeno em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos o objeto de nossa pesquisa: a concordância verbal com nomes coletivos. Partimos da proposta de gramáticas normativas históricas e modernas de Língua Portuguesa sobre o tema, a fim de mostrarmos o posicionamento tradicional sobre o objeto, e, logo após, apresentamos discussões feitas em trabalhos variacionistas sobre concordância verbal (sujeito de terceira pessoa e sujeito expresso

---

<sup>39</sup>São considerados categóricos os casos em que não há variação.

por nome coletivo) no Brasil. No próximo capítulo, explicitamos a metodologia utilizada nesta pesquisa, na qual expomos grupos de fatores, alguns dos quais decorrem, pela relevância, dos grupos analisados nas pesquisas aqui expostas: saliência fônica verbal, distância entre sujeito e verbo (material interveniente), posição do sujeito em relação ao verbo, por exemplo.



## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo trata da descrição da metodologia empregada para a realização desta pesquisa. Inicialmente, apresentamos e caracterizamos os *corpora* utilizados, em seguida, descrevemos a regra variável, logo após tratamos dos grupos de fatores considerados e, por fim, mostraremos o modelo de análise estatística empregado.

### 4.1. Corpora

Para esta pesquisa, analisamos amostras de dois bancos de dados do Português falado na cidade de Fortaleza: do Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) e do Norma Popular de Fortaleza (Norpofor).

Esta escolha justifica-se pelas seguintes razões:

a) O Porcufort é um banco de dados constituído por amostras de fala de 73 informantes de diversas faixas etárias, nascidos e residentes na cidade de Fortaleza, os quais possuem curso superior completo, distribuídos entre 62 inquiridos, organizados no biênio 1991-1992, portanto são representativos do Português contemporâneo. Este banco de dados está estruturado, segundo os princípios do NURC (Norma Urbana Culta),<sup>40</sup> da seguinte forma: DID<sup>41</sup> (diálogo entre informante e documentador); D2<sup>42</sup> (diálogo entre dois informantes) e EF<sup>43</sup> (elocução formal). Apresentamos, no quadro abaixo, a distribuição dos informantes oriundos deste *corpus* que selecionamos para a

<sup>40</sup>O NURC é um banco de dados constituído por amostras de fala de informantes com nível superior de ensino de importantes capitais do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

<sup>41</sup>Em DID, encontram-se diálogos entre informante e documentador da entrevista. É importante ressaltarmos que apenas os dados de fala do informante são considerados para análise. Este diálogo caracteriza-se por apresentar marcas de formalidade, em virtude da presença do documentador, que gera certa tensão discursiva, e de informalidade, pois trata-se de uma conversa em que tentam ser abordados temas da vida pessoal do informante, na tentativa de permitir ao entrevistado um maior relaxamento na produção do discurso, que se preocupa mais em aquilo que vai dizer (conteúdo) do que em como vai dizer (forma).

<sup>42</sup>Em D2, os diálogos são feitos entre dois informantes, cujos dados de fala podem ser objetos de análise, a depender ou não do encaixamento de cada um na célula social considerada. Este diálogo caracteriza-se por apresentar, principalmente, marcas de informalidade, pois os informantes interagem sem a presença direta do pesquisador, em clima de menor tensão discursiva.

<sup>43</sup>Em EF, as produções dos informantes são feitas em situações mais formais de fala, em palestras, seminários, exercício do magistério e entrevistas cuja temática é profissional, por exemplo, portanto tais discursos tendem a ser mais tensos e mais monitorados, com a atenção dos falantes voltada não apenas ao conteúdo mas também à estrutura formal do discurso.

pesquisa:

QUADRO 1: Distribuição dos informantes do Porcufort selecionados para pesquisa.

Tipo de Inquérito	Diálogo entre Informante e Documentador (DID)				Diálogo entre Dois Informantes (D2)				Elocução Formal (EF)			
	até 40 anos		acima de 40 anos		até 40 anos		acima de 40 anos		até 40 anos		acima de 40 anos	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Número de Informantes	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2

b) O Norpofor é um banco de dados de fala de informantes nascidos em Fortaleza ou que vivem na capital cearense desde os cinco anos de idade, sendo filhos de pais cearenses que não tenham saído da cidade por um período superior a dois anos. Organizado seguindo a metodologia do Porcufort e do NURC, os informantes, no Norpofor, estão distribuídos por sexo, idade (15 a 25, 26 a 49 e + de 50 anos) e escolaridade (0-4, 5-8, 9-11 anos de estudo). Portanto, o *corpus* é constituído por dados de fala de informantes que não ingressaram em curso superior, alguns deles até mesmo semi-alfabetizados, considerados como usuários da modalidade não padrão da língua portuguesa falada em Fortaleza. Por se tratar de um *corpus* com esta característica, esperamos mais ocorrências de dados de fala de norma não padrão que no Porcufort. Apresentamos, no quadro abaixo, a distribuição dos informantes oriundos do Norpofor<sup>44</sup> que selecionamos para esta pesquisa:

<sup>44</sup>Não consideramos a divisão das células por escolaridade porque nosso objetivo é comparar dados de falantes que não possuem nível superior de escolaridade (Norpofor), independentemente de serem semi-alfabetizados ou terem ensino fundamental ou médio, com dados de falantes que possuem nível superior de ensino (Porcufort).

QUADRO 2: Distribuição dos informantes do Norpofor selecionados para pesquisa.<sup>45</sup>

Tipo de Inquérito	Diálogo entre Informante e Documentador (DID)				Diálogo entre Dois Informantes (D2)			
	até 40 anos		acima de 40 anos		até 40 anos		acima de 40 anos	
Sexo	M	F	M	F	M	F	M	F
Número de Informantes	2	2	2	2	0 <sup>46</sup>	2	1 <sup>47</sup>	2

A análise dos dados será feita em três etapas: na primeira, serão rodados apenas dados do Porcufort; na segunda, serão rodados somente dados do Norpofor e, na terceira etapa, serão rodados, conjuntamente, dados dos dois *corpora*, quando serão excluídos os dados de elocução formal (EF), porque estes últimos não foram considerados no banco de dados Norpofor, conforme mencionado anteriormente.

#### 4.2. Regra Variável

Nosso objeto de análise é a concordância verbal com sujeito representado por nome coletivo formalmente singular. A variável dependente é composta por duas variantes: a) *verbo na terceira pessoa do singular* e b) *verbo na terceira pessoa do plural*, como se observa nos seguintes exemplos “O pessoal fez a votação” e “O pessoal fizeram a votação”. Deixaremos claro que nossa pesquisa se restringirá aos casos de coletivos singulares não designativos de instituições públicas ou privadas. Nesta pesquisa, interessavam-nos, apenas, sujeitos do tipo *multidão, povo, pessoal, grupo, turma, todo mundo, torcida, galera, equipe, casal, família, time, gente, muita gente, enxame, bando, legião, constelação, acervo, banca*, expressões partitivas que indicam coletividade, como *a maioria de, grande parte de, uma porção de*, e outros da mesma categoria, com a característica geral [+humano] e [-humano]. No entanto, após a coleta

<sup>45</sup>Nosso objetivo era coletar, também no Norpofor, dados dos três tipos de inquéritos (DID, D2 e EF), assim como fizemos com o Porcufort. Contudo, uma vez que não havia o número suficiente de inquéritos de Elocução Formal (EF) transcritos no Norpofor, resolvemos deixá-los de fora de nossas análises.

<sup>46</sup>Não havia informantes transcritos para esta célula, razão pela qual está vazia.

<sup>47</sup>Havia apenas 1 informante transcrito para esta célula.

nos dois bancos de dados, não encontramos dados referentes à categoria [-humano].

Por razões teóricas e metodológicas, ficaram fora de nossa análise os seguintes casos:

a) Sujeito representado pela expressão coletiva “a gente” equivalente ao pronome pessoal de primeira pessoa do plural “nós”, como em: “A gente fez a tarefa” *versus* “Nós fizemos a tarefa”.

b) Nome coletivo que não funciona como núcleo do sujeito, ou seja, núcleo de sintagma nominal encaixado, conforme: “O jogador da equipe esteve bem”.

c) Casos em que nome coletivo e verbo estejam em orações distintas, uma vez que o sujeito da segunda oração pode ser interpretado como sujeito nulo: “O povo foi às ruas para **exigirem** mudanças nas regras das eleições.”

### 4.3. Fatores de controle

Os grupos de fatores testados em nossa análise distribuem-se da seguinte forma:

#### A) Linguísticos:

a) *material interveniente entre sujeito e verbo*: distância entre sujeito e verbo da oração:

(i). *sem material interveniente*: quando o verbo está adjacente ao sujeito, como em: “A população recebe bem os turistas.”<sup>48</sup>;

(ii). *1 sintagma*: caso em que sujeito e verbo são separados por um sintagma, por exemplo: “O povo, em Fortaleza, recebe bem os turistas” e “O povo, aqui, recebe bem os turistas.”;

(iii). *2 sintagmas*: caso em que sujeito e verbo estão separados por dois

---

<sup>48</sup>Os exemplos apresentados nesta seção são inteiramente nossos e estão na concordância padrão.

sintagmas, por exemplo: “A população, aqui, em Fortaleza, recebe bem os turistas.”;

(iv). *mais de 2 sintagmas*: caso em que mais de dois sintagmas separam o verbo do sujeito, por exemplo: “A população, aqui, em Fortaleza, sempre recebe bem os turistas.”

b) *saliência fônica do verbo*: consiste na quantidade de material fônico que distingue a forma plural da forma singular, conforme Naro (1981). Os níveis apresentam-se divididos em função da intensidade dos segmentos fônicos que realizam a oposição entre singular e plural e da quantidade de material fônico que distingue a forma singular da plural.

(i). nível 1. *-menos saliente*: quando segmentos átonos e com pouco material fônico realizam a oposição: (corre/correm, vive/vivem, perde/perdem, ganha/ganham, compra/compram, amava/amavam); envolve acréscimo de segmentos na forma plural (faz/fazem, quer/querem, diz/dizem).

(ii). nível 2. *-mais saliente*: quando segmentos tônicos e com mais material fônico realizam a oposição: envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural (tá/tão, dá/dão, vai/vão); envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (bateu/bateram, comprou/compraram, viu/viram); envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural, incluindo completa alteração na forma plural (veio/vieram, é/são).

c) *posição do coletivo em relação ao verbo*: colocação sintática do sujeito em relação ao verbo na oração:

(i). *pré-verbal*: consideramos o sujeito anteposto ao verbo, como em: “O pessoal fez a denúncia contra o líder comunitário”.

(ii). *pós-verbal*: consideramos o sujeito posposto ao verbo, como em: “Fez o pessoal a denúncia contra o líder comunitário”.

d) *número do sintagma nominal encaixado no sujeito*:

(i). *singular*: “O público do jogo foi superior ao esperado”.

(ii). *plural*: “O público dos jogos foi superior ao esperado”.

(iii) *sem sintagma*: “O público foi superior ao esperado”.

e) *tipo de verbo*:<sup>49</sup>

(i). *ação*: verbos que indicam ação são aqueles que apresentam uma atividade realizada por um sujeito agente. Esses verbos apresentam, no mínimo, um argumento<sup>50</sup>, como em: “O pássaro voa.” e “O garoto brinca”. Esses verbos também podem se realizar com especificadores<sup>51</sup>, por exemplo: “A viúva chorava lágrimas de sangue.” e “A velha gritava desaforos”.

(ii). *processo*: são verbos que designam um ou mais eventos que afetam um sujeito paciente, como em: “a chuva parou” e “o bebê acordou”, em que há apenas um argumento verbal; ou experimentador, como em: “Ana sente frio.” e “Marta ouve música.”, em que há dois argumentos para o verbo; ou beneficiário, por exemplo:

<sup>49</sup>Como o verbo é o termo oracional que está em concordância com o sujeito, decidimos incluí-lo entre os grupos de fatores controlados. Para tanto, consideramos o posicionamento teórico de Borba (1996), que apresenta uma classificação sintático-semântica para o núcleo do predicado, porque pensamos que aspectos formais e semânticos podem ser decisivos na concordância do verbo com o sujeito da oração.

<sup>50</sup>Entende-se por argumento cada unidade ou classe que preenche o conteúdo que comporta o núcleo do predicado (verbo). Por exemplo, na frase “O menino abriu a porta.”, o verbo “abrir” possui dois argumentos, alguém que pratica a ação de abrir e alguma coisa que sofra essa ação.

<sup>51</sup>Entende-se por especificador o elemento que restringe o conteúdo de algum outro termo, neste caso, do verbo. Opõe-se ao argumento por não preencher conteúdo exigido pelo termo ao qual se refere. Por exemplo, “sono” serve de especificador do verbo “dormir” na oração “O menino dormia um sono leve”.

“Rosa ganhou uma rosa de Pedro.” e “Leo herdou uma fazenda do avô.”, em que há três argumentos verbais. Esses verbos podem se realizar ainda com especificadores, conforme: “A criança dormia um sono leve”.

(iii). *ação-processo*: são verbos que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou causada por um sujeito causativo, os quais afetam o complemento, como em: “José quebrou o pires.” e “José escreveu um romance”. Esses verbos têm ao menos dois argumentos: um agentivo/causativo e outro afetado/efetuado, por exemplo: “A costureira estragou o pano.”, “O raio partiu a árvore.”, “Dei uma moeda ao garoto.” e “Pus o livro na gaveta”.

(iv). *estado*: verbos de estado são aqueles que expressam uma propriedade de estado ou de condição ou de situação localizada no sujeito, que é suporte, experimentador ou beneficiário dessa propriedade. Por exemplo, em “Mário permaneceu em silêncio.”, o sujeito suporta um estado; em “Tadeu ama Dirce.”, experimenta um estado e, em “Fernando tem três filhos.”, suporta uma condição.

f) *traço [+ humano; - humano] do coletivo*:

(i). [+humano]: “A torcida está furiosa com a arbitragem”

(ii). [-humano]: “O acervo está bem conservado”.

B) Extralinguísticos:

a) *sexo/gênero*

(i). *masculino*

(ii). *feminino*

b) *faixa etária*

(i). *faixa I: até 40 anos*

(ii). *faixa II: + de 40 anos*

c) *tipo de inquérito*

(i). *diálogo entre informante e documentador (DID)*

(ii). *diálogo entre dois informantes (D2)*

(iii). *elocução formal (EF)*<sup>52</sup>

#### **4.4. Análise Estatística**

Consoante Votre (1991), a metodologia variacionista permite a avaliação do efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da variação e mudança linguística, em termos quantitativos.

Os dados coletados serão lançados no programa estatístico Goldvarb,

---

<sup>52</sup>Não serão considerados, nesta pesquisa, dados de Elocução Formal (EF) do Norpofor, uma vez que, conforme informado antes, ainda não foram transcritos. Portanto, serão analisados dados de Elocução Formal (EF) apenas do Porcufort.



ferramenta metodológica utilizada pela Sociolinguística Variacionista, por operacionalizar com regras variáveis. A versão atual do programa foi desenvolvida, conjuntamente, pelo Departamento de Linguística da Universidade de Toronto e pelo Departamento de Matemática da Universidade de Ottawa, em 2005 (Sankoff; Tragliamonte, 2005).

Após rodar os dados coletados pelo pesquisador, o programa fornece pesos relativos de cada grupo de fatores sobre a regra variável em estudo. Estes pesos relativos variam em uma escala que vai de 0 a 1: se forem maiores que 0.5, são favoráveis à realização da regra; caso sejam inferiores a 0.5, são inibidores da regra e, sendo iguais ou muito próximos a 0.5, são considerados neutros. Sobre estes valores, Naro (2008) esclarece que, como o próprio termo diz, são relativos, ou seja, não são absolutos, devendo o pesquisador fazer a ordenação correta para que sejam, realmente, reveladores do fenômeno em foco.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO**

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos utilizados na seleção e na análise do *corpus*. Apresentamos e descrevemos a regra variável com suas duas formas variantes, bem como fizemos a descrição dos grupos de fatores controlados na investigação da concordância verbal com nomes coletivos. Em seguida, apresentamos o modo como será feito o tratamento estatístico do fenômeno, com o uso do programa Goldvarb. No próximo capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados que, considerando os *corpora* e os grupos de fatores aqui apresentados, será feita em três etapas: análise dos dados do Porcufort, análise dos dados do Norpofor e análise geral dos dois *corpora*.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, procedemos à análise dos dados. Na seção 5.1, são considerados apenas dados do Porcufort; na seção 5.2, analisamos apenas dados do Norpofor e, por fim, na seção 5.3, são verificados, conjuntamente, dados dos dois *corpora*.

### 5.1. Dados do Porcufort

Foram coletados 234 dados de concordância entre verbo e sujeito representado por coletivo formalmente singular no Porcufort (Português Oral Culto de Fortaleza), distribuídos entre os três tipos de inquéritos: Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogo entre Dois Informantes (D2) e Elocução Formal (EF). Realizamos o estudo considerando, inicialmente, as seguintes variáveis: *material interveniente entre sujeito e verbo, saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito, tipo de verbo, traço [+ ou -humano] do coletivo, gênero/sexo, faixa etária e tipo de inquérito*. Contudo, duas variáveis foram excluídas das análises: *posição do coletivo em relação ao verbo*,<sup>53</sup> pois não houve dados de posição “pós-verbal”, e *traço [+ ou - humano]*, porque houve apenas dados de coletivos com traço [+humano]. Como as duas variáveis são formadas apenas por duas variantes cada, não foi possível fazer amalgamação dos fatores, devendo ser os grupos retirados da análise estatística. Além disso, foi necessário fazer a amalgamação das variáveis “ação”, “processo” e “ação-processo” no grupo de fatores “tipo de verbo”, restando o binômio verbos que indicam “ação-processo” *versus* verbos que indicam “estado”.

Do total de 234 dados coletados, 226 apresentaram coletivo mais verbo na forma singular (96,6%), enquanto 8 apresentaram coletivo acompanhado de verbo na forma plural (3,4%). As variáveis, estatisticamente, relevantes, neste *corpus*, foram *número do sintagma nominal encaixado no sujeito e tipo de verbo*. As ordens de

---

<sup>53</sup>Como a variável é composta por apenas duas variantes, não houve possibilidade de amalgamar os grupos, portanto foi necessária sua exclusão das análises.

grandeza destas variáveis podem ser vistas a seguir:

TABELA 1: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – Variáveis estatisticamente relevantes no banco de dados Porcufort.

Variáveis	Fatores	Frequência da forma singular	Peso relativo
Número do sintagma nominal encaixado	Singular	7/10=70%	0.044
	Plural	5/6=83.3%	0.089
	Sem sintagma	214/218=98.2%	0.551
	Total	226/234=96.6%	-----
Tipo de verbo	Ação-processo	152/154=98.7%	0.663
	Estado	74/80=92.5%	0.214
	Total	226/234=96.6%	-----

A primeira variável selecionada pelo programa estatístico Goldvarb foi *número do sintagma nominal encaixado*. A variável apresenta três variantes: *singular*, *plural* e *sem sintagma encaixado*. Os resultados demonstraram que o fator “sem sintagma encaixado” é o único que favorece a concordância padrão (uso de verbo no singular). Dos 218 dados em que não há sintagma encaixado, 214 são de coletivo mais verbo no singular, o que equivale a 98.2% e peso relativo de 0.551. Sobre os outros dois fatores, os pesos relativos, contrariamente, evidenciam desfavorecimento da concordância padrão (verbo no singular): 0.044 para a variante singular e 0.089 para a variante plural, embora o número de dados e os percentuais indiquem mais dados e maior percentual para a forma plural.

Apresentamos, a seguir, exemplos representativos do grupo de fatores *número do sintagma nominal encaixado*, coletados no *corpus*.

Singular:

(1) “...então se você é funcionário do BNB você pode...entrar no Banco do Brasil como associado né?...e vice-versa o **peçoal** DO BANCO do Brasil também pode frequentar o BNB...como associado né?...”

(Porcufort, DID 27 , p.12 linha23)

(2) “...mas a gente o que a gente...o que nós sentimos é que realmente o **peçoal** DE SALVADOR são enrolão... né?...cê conhece Salvador?...”

(Porcufort, DID 6, p.4, linha 23)

(3) “...E o **peçoal** DA ANCAR ainda apareceu por lá mas acabaram com a ANCAR também que fazia um trabalho muito bom diga-se de passagem... e Ele...”

(Porcufort, DID 41, p.12, linha 3)

Plural:

(4) “...a gente...assim o **grupo** DE ALUNOS era muito bom...agora infelizmente hoje com coma com essa...”

(Porcufort, D2 7 ,p. 30, linha13)

(5) “...a Padaria Espiritual...ela...atra...é no no seio da Padaria...é que exatamente eclodiu... **um grupo** DE RAPAZES né? de poetas...e até prosadores...que...”

(Porcufort, EF 156 ,p.9, linha 20)

(6) “...fazendo com que **grande parte** DAS CRIANÇAS sejam vacinadas pra determinadas doença mas mesmo assim...”

(Porcufor ,DID 1, p14, linha 13)

Sem sintagma:

(7) “...então o cara trabalha...um tempo lá e eles...sempre sempre foi num foi tem uma onda de demissão então o **pessoal** vai se renovando muito e a gente né? num vai...mas o Banco do Brasil e...”

(Porcufort, DID 27, p.12 linha10)

(8) “...eu acho que esse...problema...é o seguinte...a...a corte...né?...era muito fechada...a imprensa o próprio **povo** num tinha acesso...”

(Porcufort, D2 45, P.23 Linha18)

(9) “...então...quando...o **povo** ver...que...aquela fruta...tá escassa...geralmente o povo tem interesse muito mais por coisas...”

(Porcufort, EF 17, p.7, linha 34)

O grupo de fatores “número do sintagma nominal encaixado” foi abordado por Rodrigues (2005), em estudo sobre processamento da concordância verbal, pautado no Programa Minimalista (Chomsky, 1999, apud Rodrigues, 2005). Segundo a autora, há maior possibilidade de o verbo flexionar-se no plural quando vier acompanhado de um sintagma nominal plural, uma vez que, psicolinguisticamente, haveria consonância entre a marca plural do sintagma e do verbo. Lançamos como hipótese que o “sintagma nominal plural” favorece o verbo no plural, enquanto as demais variantes, “sintagma nominal singular” e “sem sintagma” favorecem a variante singular. Nosso trabalho confirma, parcialmente, esta hipótese, visto que, conforme demonstrado, não apenas casos de sintagma nominal plural desfavoreceram a forma verbal de singular, mas também casos de sintagma nominal singular. Talvez, isto ocorra pelo fato de o falante atribuir o controle da concordância não apenas ao núcleo do sujeito mas também ao núcleo do sintagma nominal encaixado, de modo compartilhado, conforme pode ser visto nos exemplos 2 e 6 acima.

A segunda variável selecionada foi *tipo de verbo*. Postulamos, inicialmente,

quatro variantes: *ação*, *processo*, *ação-processo* e *estado*, conforme Borba (1996). Porém, durante as rodadas estatísticas, as variantes *ação* e *ação-processo* somente apresentaram dados de coletivo com a forma verbal de singular,<sup>54</sup> por isso foi necessário fazer a amalgamação entre as variantes *ação*, *processo* e *ação-processo*, ficando, portanto, apenas duas variantes para análise: *ação-processo* e *estado*.

De acordo com os resultados, a variante “ação-processo” favorece o uso de verbo no singular. Dos 154 casos em que o tipo de verbo é *ação-processo*, 152 são de coletivo mais verbo no singular, o que equivale a 98.7% e peso relativo de 0.663. Contrariamente, a variante “estado” indica desfavorecimento da concordância padrão: com peso relativo de 0.214 para a realização da forma singular, embora 74 dados dos 80 casos apresentem verbo no singular (92.5%). Seguem exemplos representativos dos grupos de fatores *tipo de verbo*, no Porcufort.

Ação-processo:<sup>55</sup>

(10) “...aí depois vão dizer que num deu certo porque o **povo** COMEÇOU a consumir demais como foi na época do Cruzado...”

(Porcufort, D2 28, p.13, linha 11)

(11) “...nós tivemos a iniciativa de implantar porque às vez quando você vai mudar as coisas...cê tem muita resistência, o **pessoal** ACHA que num dá certo...que aquilo é é é uma ilusão alguma coisa assim então você tem que ter...”

(Porcufort, D2 45 ,p.13, Linha 9)

<sup>54</sup>O programa Goldvarb trata de regras variáveis, portanto, como não houve dados das duas formas verbais (singular e plural) nas variantes “ação” e “ação-processo”, foi necessário fazer a amalgamação com a variante “processo”, senão o programa interpretaria como um fenômeno não variável.

<sup>55</sup>Segundo Borba (1996), verbos que indicam “ação” são aqueles que apresentam uma atividade realizada por um sujeito agente, como em: “o pássaro voa” e “o garoto brinca”; verbos que indicam “processo” são aqueles designam um ou mais eventos que afetam um sujeito paciente, como em: “A chuva parou.”, ou experimentador, como em: “Ana sente frio.” ou beneficiário, por exemplo: “Rosa ganhou uma rosa de Pedro.” e verbos que indicam “ação-processo” são aqueles que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou causada por um sujeito causativo, os quais afetam o complemento, por exemplo: “José quebrou o pires.” e “O raio partiu a árvore”. Nesta variante, consideramos verbos dos três tipos.

(12) “...os simbolistas...levaram às últimas consequências essas aliterações... inclusive...a musicalidade né? a musicalidade **todo mundo** CONHECE...Verlaine quando diz na *Chanson d'auto d'au d'automne*...

(Porcufort, EF 3, p.6, linha 1)

Estado:<sup>56</sup>

(13) “...por isso que eu ainda penso que é difícil o Lula entrar...porque ele é um homem com muita... preparado...politicamente ma o **povo** já TÁ escaldado sabe? o povo tem medo dele entrar fazer bagunça lá dentro...”

(Porcufort, DID 5, p.16, linha 4)

(14) “gente vai...servir algumas frutas quem quiser né?...mas bebida não"...sabe? aí que o **pessoal** FICOU assim meio desanimado...”

(Porcufort ,DID 6, p.4, linha 2)

(15) “...pessoal da noite É sempre um **povo** muito sofrido... que já passa o dia no trabalho...”

(Porcufort ,D2 7, p.48, linha 7)

A classificação dos verbos em Borba (1996) é fundamentada em critérios semânticos. Lançamos como hipótese que verbos que expressam maior dinamicidade (ação-processo) favorecem a concordância padrão (verbo no singular), visto que exigem maior atenção por parte dos falantes, enquanto verbos que indicam menor dinamicidade (estado) favorecem a concordância não padrão (verbo no plural), já que exigem menor atenção dos falantes. Os resultados confirmam nossas hipóteses, pois os índices revelam que casos de verbo que indicam “ação-processo” favorecem a concordância padrão (peso relativo de 0.663), enquanto verbos que indicam estado desfavorecem a marca de singular (peso relativo de 0.214).

---

<sup>56</sup>Verbos que indicam “estado” são aqueles que expressam uma propriedade de estado ou de condição ou de situação localizada no sujeito, por exemplo: “Mário permaneceu em silêncio.” e “Tadeu ama Dirce.”

Das variáveis que não foram selecionadas, a última a ser descartada pelo programa Goldvarb<sup>57</sup>, portanto a mais relevante dentre as que não foram selecionadas, foi a variável *saliência fônica do verbo*. Das 158 formas verbais menos salientes (conforme exemplos 16, 17 e 18), 155 foram de verbo na forma singular (98.1%); das 76 formas mais salientes (conforme exemplos 19, 20 e 21), 71 foram de verbo na forma singular, o equivalente a 93.4%.

Scherre e Naro (2006) trataram da concordância de terceira pessoa do plural no Português falado na cidade do Rio de Janeiro. Durante a análise dos dados, a variante *saliência fônica verbal* foi relevante nas três amostras consideradas: os pesquisadores constataram que as estruturas mais salientes sempre favoreceram a manutenção da concordância (verbo na terceira pessoa do plural), com pesos relativos<sup>58</sup> de 0.72 (Amostra 1980-C), 0.66 (Amostra 2000-C) e 0.65 (Amostra 2000-I), enquanto as menos salientes desfavorecem a concordância (verbo na terceira pessoa do singular), com índices respectivamente de 0.31 (1980-C), 0.35 (2000-C) e 0.37 (2000-I).

Mattos (2003) analisou a influência da *saliência fônica do verbo* na concordância com nomes coletivos em Fortaleza. Segundo a autora, a *saliência verbal* foi estatisticamente relevante para o fenômeno. Os resultados revelam que dados de *saliência* mais acentuada favorecem pluralização verbal<sup>59</sup>, com peso relativo<sup>60</sup> de 0.86, enquanto a menos acentuada, desfavorece a marca plural, com peso relativo de 0.27.

Nossos resultados não confirmaram os alcançados por Scherre e Naro (2006) e Mattos (2003), quando a variável *saliência fônica* foi selecionada nas duas pesquisas, nem ratificaram nossas hipóteses: acreditávamos, consonantes com a literatura revista, que as diferenças mais salientes permitissem a realização da forma plural (concordância não padrão), enquanto as diferenças menos salientes favorecessem a realização da forma singular (concordância padrão), uma vez que as diferenças mais salientes são mais marcadas e exigem dos falantes mais diferenciação entre as duas formas (singular

---

<sup>57</sup>Durantes as rodadas estatísticas, o programa Goldvarb vai descartando, progressivamente, as variáveis não relevantes para o fenômeno. A última variável descartada pelo programa é a que apresenta maior relevância dentre as que não foram selecionadas.

<sup>58</sup>Os valores de aplicação são em relação à variante de terceira pessoa do plural.

<sup>59</sup>Devemos observar que, em se tratando de sujeito coletivo, a pluralização do verbo indica não concordância verbal.

<sup>60</sup>Os valores de aplicação são em relação à variante de terceira pessoa do plural.



e plural), que as menores saliências. Contudo, conforme afirmamos, a variável não foi selecionada estatisticamente nem os percentuais, conforme tabela abaixo, foram díspares ao compararmos as duas variantes.

TABELA 2: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a saliência fônica verbal no banco de dados Porcufort.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Saliência fônica do verbo	Menos saliente	155/158=98.1%
	Mais saliente	71/76=93.4%
	Total	226/234=96.6%

Em seguida, apresentamos exemplos de dados de saliência fônica no Porcufort.

Menos saliente:

(16) “...quer dizer conheci muita gente na faculdade que eu num sabia que trabalhava no...no banco depois fiquei sabendo né? e **muita gente** que não TRABALHAVA na época e depois...fez concurso e...e começou a trabalhar né?...”

(Porcufort, DID 27, p.12, Linha 30)

(17) “...um viaduto é uma obra d’arte...uma ponte porque uma ponte é um viaduto...só que embaixo num passa um rio né?...PASSA **gente** passa carro né?...no na ponte é onde passa o rio...então...chama-se obra d’arte...”

(Porcufort, DID 49, p.18, linha 5)

(18) “...que eu quero voltar agora...que é exatamente a questão da Justiça...bom ...**todo mundo** FALA..que o Brasil a Justiça só é aplicada aos

pobres né...”

(Porcufort, D2 11, p.14 linha 8)

Mais saliente:

(19) “...o salário mínimo lá é duzentos dólares e tá pouco como estaria pouco aqui também o **pessoal** TÁ reclamando por isso...então o que que o Meney disse que...”

(Porcufort, D2 28, p.16 linha9)

(20) “...então... o **povo** FEZ por onde... o fato em si acontecesse...”

(Porcufort, EF 17, p.5, linha 9)

(21) “...eu acredito que ela num vá morrer assim...deixar de ver não...como **muita gente** COLOCOU vai...acabou...sabe? a Fórmula Um acabou e tal porque...”

(Porcufort, DID 20, p.7, linha 23)

O penúltimo, dentre os grupos de fatores descartados pelo programa Goldvarb, foi *material interveniente entre sujeito e verbo*. Propusemos, inicialmente, quatro variantes: sem material interveniente, 1 sintagma, 2 sintagmas e mais de 2 sintagmas. Após a rodada dos dados no programa estatístico, foram amalgamadas as duas primeiras variantes,<sup>61</sup> restando, portanto três variantes para análise: *sem material interveniente ou 1 sintagma, 2 sintagmas e mais de 2 sintagmas*.

Os resultados revelaram que, considerando a primeira variante, “*sem material interveniente ou 1 sintagma*” (conforme exemplos 22, 23 e 24), dos 212 dados, 206 foram de verbo na forma singular, o correspondente a 97.2%; quanto à segunda variante, *2 sintagmas* (conforme exemplos 25 e 26), houve a forma singular em 19 dos

<sup>61</sup>Resolvemos amalgamar as duas primeiras variantes, porque, em grande parte dos casos da variante “1 sintagma interveniente”, tratava-se de pronome relativo “que”, por exemplo: “violino eu num sei se tem... eh tem **muita gente** QUE toca violino lá agora eu num sei se nessa cadeira de Prática Instrumental né?... entendeu?... (Porcufort, p.16, linha 16).

20 casos, equivalente a 95% e, quanto à terceira variante, *mais de 2 sintagmas* (conforme exemplos 27 e 28), a forma singular ocorreu em 1 de 2 casos, o que corresponde a 50%.

Sem material interveniente ou 1 sintagma:

(22) “...porque ele acha que todo mundo é...**todo mundo** tá sujeito a...a se contaminar com...com o vírus da AIDS né?...”

(Porcufort, DID 1, p.11, linha 17)

(23) “...era fora...**todo mundo** morava aqui quem era...tava...morando aí é que tinha que fazer essas física...”

(Porcufort, DID 5, p.9, linha 24)

(24) “...se você...fosse atrevido tinha **gente** QUE levava o livro até em alemão... **gente** QUE tinha saído do seminário que sabia falar alemão...e nada conseguia... aí...”

(Porcufort, DID 23, p.16, linha 4)

2 sintagmas:

(25) “...ele recebeu a terra...recebeu pelo Banco do Brasil umas uma um... parece que eram três cabras... e um bode... E o **peçoal** DA ANCAR AINDA apareceu por lá mas acabaram com a ANCAR também que fazia um trabalho muito bom diga-se de passagem...”

(Porcufort, DID 41,p.12, linha 3)

(26) “...e tenho uma certa esperança de que o **povo** BRASILEIRO FINALMENTE acorde...chegue o final do mês e vê que o dinheiro num tá dando...”

(Porcufort, D2 28, p.15 linha 23)

Mais de 2 sintagmas:

(27) “...então se você é funcionário do BNB você pode...entrar no Banco do Brasil como associado né?...e vice-versa **o pessoal DO BANCO DO BRASIL TAMBÉM** pode frequentar o BNB...como associado né?...”

(Porcufort, DID 27, p.12, Linha 23)

(28) “...mas insuflado pelo **pessoal DA CÂMARA e DO SENADO... QUE** tavam lá...”

(Porcufort, DID 5, p.22, linha 31)

Sobre os resultados da variável *material interveniente entre sujeito e verbo*, podemos afirmar que, embora não tendo sido selecionada pelo Goldvarb, a variável revela que as menores distâncias favorecem marca de concordância de singular, pois, nas menores distâncias, observam-se os maiores índices de concordância; ao passo que, nas maiores distâncias, caem os índices de concordância com a forma de singular.

Mattos (2003) considerou, em estudo da concordância verbal com coletivos, em Fortaleza, a variável “distância linear”. Embora não tendo sido uma variável estatisticamente selecionada, os resultados revelaram que menor distância entre sujeito e verbo favorece mais concordância morfossintática (marca verbal de singular) e maior distância entre sujeito, mais forma verbal pluralizada (desfavorecimento da concordância padrão).

Lançamos a hipótese de que as menores distâncias entre sujeito e verbo favorecem o uso da variante verbal de terceira pessoa do singular, enquanto as maiores distâncias favorecem a forma de terceira pessoa do plural. Contudo, houve apenas a confirmação parcial da hipótese lançada, porque os índices percentuais das duas primeiras variantes foram muito semelhantes, exceção foi a terceira variante (mais de 2 sintagmas), cujos índices foram de 50% para cada uma das marcas de concordância,

singular e plural. Vejamos os resultados percentuais na tabela abaixo:

TABELA 3: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o material interveniente entre sujeito e verbo no Porcufort.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Material interveniente entre sujeito e verbo	Sem material ou 1 sintagma	206/212=97.2%
	2 sintagmas	19/20=95%
	Mais de 2 sintagmas	1/2=50%
	Total	226/234=96.6%

A antepenúltima variável descartada pelo programa foi *faixa etária*. Os resultados revelaram que, dos 133 casos correspondentes à faixa etária I (até 40 anos), 129 foram de verbo na forma singular, o equivalente a 97% dos casos; dos 101 casos da segunda faixa etária (mais de 40 anos), 97 flexionaram o verbo na forma singular, o correspondente a 96% dos casos.

Sobre os resultados, podemos afirmar que não confirmaram nossa ideia inicial: considerando que as variantes não padrão sejam mais usadas por falantes mais jovens, esperávamos que os informantes da faixa etária I (até 40 anos) fizessem menor uso da forma verbal de terceira pessoa do singular (forma conservadora) em comparação com os falantes da faixa etária II (mais de 40 anos). Contudo os valores percentuais das duas variantes foram bastante semelhantes, caracterizando, para os dados coletados, a não relevância da variável para o fenômeno. Atribuímos a proximidade dos valores ao fato de a concordância com nomes coletivos estar em processo de variação desde os tempos do Latim e início da formação do Português (conforme visto no Capítulo 3, “O tratamento da concordância verbal”, seção 3.1, “A tradição gramatical”, p.34), logo a variação na concordância com coletivo seria um fenômeno tradicional, transmitido de

geração para geração. Apresentamos, na tabela abaixo, as informações relativas à influência da variável *faixa etária*:

TABELA 4: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária no Porcufort.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Faixa etária	Até 40 anos	129/133=97.%
	Mais de 40 anos	96/101=96%
	Total	226/234=96.6%

Em seguida, tratamos da variável *tipo de inquérito*, segundo grupo de fatores descartado pelo programa estatístico. Consideramos, inicialmente, três variantes, de acordo com a organização do banco de dados Porcufort: *Diálogo entre Informante e Documentador (DID)*, *Diálogo entre Dois Informantes (D2)* e *Elocução Formal (EF)*. Durante a rodada dos dados, foi necessária a amalgamação das variantes DID e D2, pois não houve dados de forma plural em D2 (isso contraria o esperado) restando, portanto, duas variantes para análise da variável: *DID/D2* e *EF*.

Os resultados demonstraram que, dos 157 dados da primeira variante (*DID/D2*), 150 foram de verbo no singular, ou seja, 95.5%. Dos dados da segunda variante (*EF*), 76 de 77 dados ocorreram na forma singular, o correspondente a 98.7%. Embora a variável não tenha sido selecionada pelo programa estatístico Goldvarb, podemos afirmar que os resultados demonstraram que, nos dados de EF, que apresentam maior tensão discursiva e maior grau de monitoramento de fala, houve maior índice de concordância padrão (98.7%) que nos dados de *DID/D2*. Apresentamos, na tabela abaixo, as informações relativas à influência da variável *tipo de inquérito*:

TABELA 5: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o tipo de inquérito no Porcufort.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Tipo de inquérito	DID/D2	150/157=95.5%
	EF	76/77=98.7%
	Total	226/234=96.6%

O primeiro grupo de fatores descartado pelo programa estatístico, conforme resultados apresentados na tabela a seguir, foi a variável *gênero/sexo*, mostrando-se a mais irrelevante para o fenômeno, pelo menos para o corpus analisado. Os resultados revelaram que, dos 138 dados de fala de informantes masculinos, 134 foram de forma singular, equivalente a 97.1%. Quanto aos dados de informantes femininos, 92 de 96 foram no singular, o que corresponde a 95.8%. Os resultados revelam que não há diferenças significativas nas falas de homens e mulheres para o fenômeno que investigamos, contrariamente ao que demonstram outras pesquisas sobre concordância.

TABELA 6: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com gênero/sexo no Porcufort.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Gênero/sexo	Masculino	134/138=97.1%
	Feminino	92/96=95.8%
	Total	226/234=96.6%

Silva (2004) analisa o efeito da variável *sexo* quando trata da variação na concordância verbal com sujeito de terceira pessoa, em redações de vestibular de alunos da cidade de Rondonópolis (MT). Dados de falantes do sexo feminino, com peso relativo de 0.55, tendem a favorecer a pluralização do verbo, em casos não aceitos pela gramática tradicional, o que não acontece com os do sexo masculino, com peso

relativo de 0.40, surpreendendo as expectativas, uma vez que, na maior parte das pesquisas, são os homens quem mais rompem com a orientação normativa.

Mattos (2003) também discutiu o efeito da variável sexo na concordância com coletivos em dados de fala de Fortaleza e Rio de Janeiro, embora não tenha sido selecionada como relevante em nenhuma das duas cidades: em Fortaleza, os homens pluralizam mais o verbo com sujeito coletivo que as mulheres, enquanto no Rio de Janeiro, os índices da forma plural são maiores entre os informantes do sexo feminino.

Consideramos, de início, que as mulheres, por tenderem a conservar as formas padronizadas e a resistir ao uso das formas inovadoras, fizessem maior uso da variante de terceira pessoa do singular (forma padrão) do que os homens. Contudo, conforme afirmado anteriormente, não houve confirmação da hipótese.

Na próxima seção, trataremos dos dados do Norpofor e, na seção 5.3, procederemos à análise geral com dados dos dois *corpora*: Porcufort e Norpofor.

## 5.2. Dados do Norpofor

Foram coletados 120 dados de concordância entre verbo e coletivo formalmente singular no Norpofor (Norma Popular de Fortaleza), distribuídos entre dois tipos de inquéritos: Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2). Nosso intuito inicial, conforme explicitado antes, era coletar dados entre os três tipos de inquéritos (DID, D2 e EF), como fizemos com o Porcufort. Contudo, já que não havia o número suficiente de inquéritos de Elocução Formal (EF) transcritos, resolvemos excluí-los deste trabalho. Além disso, as demais células selecionadas para a pesquisa não foram todas preenchidas, uma vez que, na célula “Diálogo entre Dois Informantes, informante do sexo masculino, faixa etária I”, não encontramos nenhum informante<sup>62</sup> dos dois que propomos e, na célula “Diálogo entre Dois Informantes, informante do sexo masculino, faixa etária II”, foi encontrado apenas 1 informante dos dois propostos<sup>63</sup>.

Realizamos o estudo considerando, inicialmente, as mesmas variáveis presentes

---

<sup>62</sup>Não havia informantes transcritos.

<sup>63</sup>Apenas 1 inquérito havia sido transcrito.



no Porcufort: *material interveniente entre sujeito e verbo, saliência fônica do verbo, posição do coletivo em relação ao verbo, número do sintagma nominal encaixado no sujeito, tipo de verbo, traço humano do coletivo, faixa etária, gênero/sexo e tipo de inquérito*. Contudo, dois grupos foram excluídos da análise: *saliência fônica verbal*, pois não há dados de coletivo seguido de verbo plural para o fator “menos saliente”, e traço [+ou –humano] do coletivo (grupo também excluído nas análises do Porcufort), porque encontramos apenas casos de coletivo [+humano]. Como há somente dois fatores em cada grupo, respectivamente, mais saliente/menos saliente (saliência fônica) e +humano/-humano (traço [+ou –humano] do coletivo), não há possibilidade de amalgamação, por isso, para prosseguirmos na rodada estatística, visando à obtenção de pesos relativos, excluímos os dois grupos das rodadas.

Além da exclusão dos dois grupos, procedemos, também, a amalgamação de alguns fatores, nos casos em que os grupos possuem mais de duas variantes. Para o grupo “material interveniente entre sujeito e verbo”,<sup>64</sup> amalgamamos os fatores “2 sintagmas” com “mais de 2 sintagmas”, devido ao fato de haver apenas dados de coletivo mais verbo no singular para o fator “2 sintagmas”. Para o grupo “tipo de verbo”, houve amalgamação entre os verbos de “ação” com verbos de “processo” e “ação-processo”, assim como feito no Porcufort, resultando no binômio “ação-processo” *versus* “estado”.

Do total de 120 dados coletados, 113 apresentaram coletivo seguido de verbo na forma singular (94,2%), enquanto 7 apresentaram verbo na forma plural (5,8%). Em termos percentuais, evidencia-se que houve mais pluralização no Norpofor em comparação ao Porcufort (96,6% de casos no singular e 3,4% de casos no plural). Acreditamos que isto tenha ocorrido devido ao fato de o Norpofor ser constituído por dados de fala de informantes que não possuem nível superior de ensino, diferentemente do Porcufort, em que todos os informantes possuem, pelo menos, uma graduação em nível superior.

Após rodar os dados, o programa Goldvarb selecionou como, estatisticamente, relevante, no Norpofor, unicamente, a variável *tipo de verbo*, indicando que verbos de

---

<sup>64</sup>No Porcufort, também foi feita amalgamação, porém entre fatores diferentes dos do Norpofor: “sem material interveniente” e “1 sintagma”.

“ação-processo” favorecem o uso do coletivo com verbo no singular (peso relativo de 0.719), conforme podemos conferir na tabela a seguir:

TABELA 7: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – Variável estatisticamente relevante no banco de dados Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular	Peso relativo
Tipo de verbo	Ação-processo	65/66=98.5%	0.719
	Estado	48/54=88.9%	0.240
	Total	113/120=94.2%	-----

De acordo com o que mostra a tabela, o programa Goldvarb selecionou como relevante apenas a variável *tipo de verbo*. Segundo mencionado, durante as rodadas estatísticas, amalgamamos as variantes *ação*, *processo* e *ação-processo*, ficando, portanto, para a análise, apenas duas variantes: *ação-processo* e *estado*.

Conforme revelam os resultados, a variante “ação-processo” favorece o uso de verbo no singular. Dos 66 casos em que o tipo de verbo é *ação-processo*, 65 são de coletivo mais verbo no singular, o que equivale a 98.5% e peso relativo de 0.719. Contrariamente, a variante “estado” indica desfavorecimento da concordância padrão, com peso relativo de 0.240 para realização da forma singular.

A seleção desta variável, durante as análises, confirma sua importância para o fenômeno, já que foi o segundo grupo selecionado durante as análises do Porcufort, obedecendo à mesma hierarquia de grandezas numéricas: “ação-processo” (peso relativo de 0.663 para concordância singular ) e “estado” (peso relativo de 0.214). Importante ressaltar, ainda, que a inserção da variável, sobretudo com estas variantes, no estudo do fenômeno, foi de responsabilidade nossa, porque, durante os estudos de outros trabalhos sobre concordância, esta variável não consta assim descrita. Deste modo, nossa proposta inicial de que características sintáticas e semânticas do próprio verbo interferem na concordância foi confirmada.

Os resultados confirmam a hipótese de que verbos que indicam maior dinamicidade (ação-processo) favorecem a concordância padrão (verbo na terceira pessoa do singular), porque exigem mais atenção dos falantes, enquanto verbos que indicam menor dinamicidade (estado) desfavorecem a marca de número singular, visto que exigem menos atenção dos falantes. Apresentamos, a seguir, exemplos representativos desta variável extraídos no Norpofor.

Ação-processo:

(29) “...pronto acabamento é o quê vamos supor...acabamento...muitos...é que nem meu sofá aí meu sofá aí...tem **gente** que não TRABALHA direito às vezes...você costura a costura velha...a costura...”

(Norpofor, DID 84, p.1, linha16)

(30) “...aqui então eu to dando exemplo para as pessoas né eu gosto de ajudar sabe a quem precisa né a **todo mundo** SABE que que me pedi sabe eu ajudo eu nunca neguei nunca virei as costas pra ninguém sabe pra qualquer pessoa né...”

(Norpofor, DID 103, p.4, linha 4)

(31) “ ...aí eu já tinha dito pra mamãe quando eu fosse pra lá eu não ia mais cozinhar né porque...se fosse só pra **gente** que VAI tudo bem pro pessoal da casa...”

(Norpofor, D2 99, p.7, linha 6)

Estado:

(32) “...ERA pouca **gente** também naquele tempo o **pessoal** ERA pouco hoje tem gente demais...se for pra ensinar assim como ensinavam de primeiro também não tem professor que dê jeito...”

(Norpofor, D2 36, p. 4, linha 37)

(33) “...aí eu acho que não bota não...eu vou vou falar de um assunto aqui que não tem...não tem nada a ver com o assunto isso que eu vou falar...você vê **todo mundo** É atualmente agora com o Lula...”

(Norpofofor DID 65, p.13 linha 19)

Os demais grupos, não selecionados pelo programa estatístico, serão apresentados na sequência. Apresentaremos o total de dados para cada fator, os valores de aplicação, ou seja, o número de dados em que há coletivo mais verbo no singular, e os valores percentuais.

A última variável descartada pelo Goldvarb, durante as rodadas estatísticas, foi o grupo de fatores *número do sintagma nominal encaixado*. Assim como fizemos com o Porcufort, foram consideradas três variantes: singular, plural e sem sintagma. Porém, diferentemente do que houve durante as análises do Porcufort, a variável não foi selecionada como relevante pelo programa estatístico, contudo, dentre os grupos não selecionados, foi o mais importante. Os resultados mostram que 107, dos 112 casos de sujeito “sem sintagma encaixado”, foram acompanhados de verbo no singular, o que equivale a 95.5%; dos 6 casos de “sintagma nominal encaixado singular”, 5 foram seguidos de verbo no singular (83.3%) e 1, dos 2 casos de “sintagma nominal encaixado plural”, foi com verbo no singular (50%).

Os resultados revelam que, apesar de o grupo de fatores não ter sido selecionado, há a mesma tendência observada no Porcufort<sup>65</sup>: embora haja predomínio da forma singular também no Norpofofor, os menores índices de realização desta variante ocorrem diante da presença de sintagma nominal encaixado (83.3% com sintagma singular e 50% com sintagma plural). Para explicar estes resultados, retomamos a hipótese de que o informante atribua o controle da concordância, compartilhadamente, ao sujeito e ao núcleo do sintagma nominal encaixado.

Apresentamos, a seguir, exemplos representativos do grupo de fatores *número do sintagma nominal encaixado*, coletados no corpus.

<sup>65</sup>Resultados do Porcufort: “sem sintagma encaixado” (peso relativo de 0.551 para a forma singular), “sintagma encaixado singular” (peso relativo de 0.044 para a forma singular) e “sintagma encaixado plural” (peso relativo de 0.089 para a forma singular).

Sem sintagma encaixado:

(34) “...nunca foi atrás de mim lá na bodega assim lá onde eu tivesse nunca foi...o **peçoal** diz rapaz o S. tá tomando o S. tá melado não deixe lá que ele vem...”

(Norpofo, DID 65, p.19, linha 18)

(35) “...parece que tudo é mais diferente as leitura...parece que ainda de primeiro os pais mas era pouca **gente**...e tentava vestibular porque só quem podia quem morava o peçoal assim de fora...”

(Norpofo, D2 106, p.7, linha 5)

Sintagma nominal encaixado singular:

(36) “...Era valente... pensa ele era de Caucaia né...diz que **gente DE CAUCAIA** é ruim...”

(Norpofo, DID 86, p.36, linha 2)

(37) “...era...naquele tempo era era só ia lá o **peçoal DE CLASSE GRANDE** né que tem...”

(Norpofo, DID 65, p.11, linha 22)

Sintagma nominal encaixado plural:

(38) “...são um **bando DE MENTIROÇOS** fazendo as promessas e não cumpre nada que promete... a gente vai ver até quando vai ser...”

(Norpofo, DID 113, p.6, linha 11)

(39) “...era uma **turma DE CRIANÇAS** assim...trinta crianças...numa sala...eu a gente ensinava reforço...que eles levavam as tarefas escolares...prá lá não é?

pra gente ensinar...”

(Norpofofor, DID 63, p.6, linha 27)

Apresentamos, na tabela abaixo, as informações relativas à influência da variável *número do sintagma nominal encaixado*:

TABELA 8: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com o número do sintagma nominal encaixado no Norpofofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Número do sintagma nominal encaixado	Sem sintagma	107/112=95.5%
	Singular	5/6=83.3%
	Plural	1/2=50%
	Total	113/120=94.2%

O penúltimo grupo de fatores eliminado das rodadas estatísticas foi a variável *posição do coletivo em relação ao verbo*, grupo que foi excluído das análises do Porcufofor. Os resultados, conforme tabela 9, revelam o seguinte: dos 105 casos de coletivo em posição *pré-verbal*, 99 foram acompanhados de verbo no singular, o que corresponde a 94.3%; quanto aos casos de coletivo após o verbo, das 15 ocorrências, 14 foram de verbo na terceira pessoa do singular, isto é, 93.3% dos casos. Os índices demonstram que não há interferência da variável para o fenômeno, uma vez que os valores percentuais são, demasiadamente, próximos, portanto não são significativos.

TABELA 9: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a posição do coletivo em relação ao verbo no Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Posição do coletivo em relação ao verbo	Pré-verbal	99/105=94.3%
	Pós-verbal	14/15=93.3%
	Total	113/120=94.2%

A seguir, apresentamos exemplos extraídos do *corpus* sobre a variável *posição do coletivo em relação ao verbo*:

Pré-verbal:

(40) “...mas é porque nessa época assim é diferente da minha o meu eu continuo com aquele ritmo que o **PESSOAL** antigamente **dizia** assim o amor é como a sanfona quanto mais velho melhor...”

(Norpofor, D2 107, p.3, linha 34)

(41) “...aí tem que o cabra chega pra você e não comigo tudo é comigo a **NEGRADA** **chama** ele o barão, é o barão aí fica aqueles cabra só mesmo na garapa que eu saía com aqueles meninos tomava tudinho tinha festa lá, tinha tudo...”

(Norpofor, DID 65, p.22, linha 2)

Pós-verbal

(42) “... assim não tinha briga mesmo acho que era mais assim clube vamos lá que tinha feito clube que **era** o **PESSOAL** do funk que ia só para brigar...”

(Norpofor, DID 73, p.9, linha 14)

(43) “...vacilou né?...só...comeu quem tava ali na cozinha **era** muita **GENTE** também né?...”

(Norpofo, D2 99, p.7, linha 1)

A antepenúltima variável descartada pelo programa foi o grupo gênero/sexo, primeira variável descartada das análises do Porcufort. Os resultados mostram que, dos 66 dados de fala de informantes do sexo masculino, 61 foram de verbo na forma singular, o equivalente a 92.4%. Quanto aos dados de informantes do sexo feminino, de 54 casos, 52 foram de coletivo seguido de verbo no singular, o que corresponde a 96.3%. Os índices revelam que, diferentemente da análise dos dados do Porcufort<sup>66</sup>, as mulheres fazem maior uso da forma padrão (terceira pessoa do singular) quando o sujeito é um nome coletivo, embora as diferenças em relação aos informantes do sexo masculino não sejam tão significativas, confirmando a hipótese de que os informantes do sexo feminino tendem a manter a forma padrão, mais que os homens. Apresentamos, na próxima tabela, as informações relativas à influência da variável gênero/sexo:

TABELA 10: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo gênero/sexo no Norpofo.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Gênero/sexo	Masculino	61/66=92.4%
	Feminino	52/54=96.3%
	Total	113/120=94.2%

O terceiro grupo de fatores descartado pelo Goldvarb foi *material interveniente entre sujeito e verbo*. Conforme afirmado, assim como no Porcufort, foram propostas quatro variantes: *sem material interveniente*, *1 sintagma*, *2 sintagmas* e *mais de 2 sintagmas*. Após a rodada dos dados no programa estatístico, foram amalgamadas as

<sup>66</sup>Nos dados do Porcufort, os homens fizeram mais uso da forma padrão que as mulheres.



duas últimas variantes, restando, portanto, apenas três para análise: *sem material interveniente, 1 sintagma e 2 ou mais sintagmas*.

Os resultados revelaram que, quando não há material interveniente, dos 68 dados, 64 foram de verbo na forma singular, correspondente a 94.1%; quanto à segunda variante, 1 *sintagma*, houve a forma singular em 39 dos 41 casos, equivalente a 95.1% e, quanto à terceira variante, 2 ou *mais sintagmas*, ocorreu a forma singular em 10 de 11 casos, o que corresponde a 90.9% dos casos.

Quanto aos resultados da variável *material interveniente entre sujeito e verbo*, podemos afirmar que, embora não tendo sido selecionada pelo Goldvarb em dados do Norpofor, assim como ocorreu no banco de dados Porcufort, revela-se que, apesar de os índices de concordância com a forma singular serem elevados nas três variantes, a variante 2 ou *mais sintagmas* é a que menos favorece a marca de concordância singular. Isso confirma, embora haja elevada diferença nos índices percentuais, em parte, os resultados obtidos no Porcufort, quando a variante também desfavorecia, mais que as outras, a marca singular (50%). A seguir, apresentamos exemplos extraídos do *corpus* sobre a variável *material interveniente entre sujeito e verbo*:

Sem material interveniente:

(44) “...episódio com ele no Cumbuco...as crianças doido pra ver ele ele mandou chamar a polícia...o **peçoal** VAI não divulga porque é o Renato Aragão né... eu gostava mais era do Mussum...”

(Norpofor, DID 113, p.10, linha 39)

(45) “...é tanto que tem um que é dele mesmo que é veado e aquele da banda... é...abufelado...e ele é...é...o **peçoal** SUPÕE que ele é filho é do marido da minha prima...”

(Norpofor, D2 99, p.9 linha 6)

1 sintagma:

(46) “...é eu também tinha medo de errar mas palavras eu vejo eu vejo na televisão fico escutando as palavras e as vezes **gente** QUE sabe ler diz errado sempre tem o professor que tá ensinando as palavras...”

(Norpofo, D2 106, p.5 linha 38)

(47) “...mas não...é pra **todo mundo** QUE chega né?...aí...fomos lá no o frango caríssimo....”

(Norpofo, D2 99, p.6, linha 8)

2 ou mais sintagmas:

(48) “...não mas desde o começo...que esse pessoal mais **pessoal** RICO DE DENTRO DA CAPITAL SE interessava só vivia estudando mesmo pra essas coisas por isso que formava tanto presidente...”

(Norpofo, D2 106, p.7, linha 15)

(49) o **pessoal daquela família** lá são todos frios...ele tem um irmão autista... que hoje deve ter o que dever ter uns quinze anos mas...o B. né que é o irmão dele fica SÓ em casa o pai dele sai pra trabalhar duas horas da tarde e chega...”

(Norpofo, DID 73, p.4, linha 37)

Encontram-se, na tabela abaixo, as informações referentes à variável *material interveniente entre sujeito e verbo* no banco de dados Norpofo.

TABELA 11: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com material interveniente no Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Material interveniente entre sujeito e verbo	Sem material interveniente	64/68=94.1%
	1 sintagma	39/41=95.1%
	2 ou mais sintagmas	10/11=90.9%
	Total	113/120=94.2%

O segundo grupo descartado pelo programa estatístico foi a variável *faixa etária*. Os resultados revelaram que, dos 53 casos correspondentes à faixa etária I (até 40 anos), 50 foram de verbo na forma singular, equivalente a 94.3% dos casos, e 63, dos 67 casos da segunda faixa etária (mais de 40 anos), seguiram-se de verbo na forma singular, correspondente a 94% dos casos.

Uma vez que os índices percentuais das duas variantes foram muito semelhantes, podemos afirmar que não houve influência da variável sobre o fenômeno. Os índices podem ser comparados aos do banco de dados Porcufort, quando a variável também mostrou-se irrelevante para o fenômeno, pelo menos para os dados coletados nos corpora sob análise, resultado de um processo de herança cultural e linguística, independente do fator idade. Apresentamos, no quadro abaixo, as informações relativas à influência da variável *faixa etária*:

TABELA 12: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária no Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Faixa etária	até 40 anos	50/53=94.3%
	mais de 40 anos	63/67=94%
	total	113/120=94.2%

A variável *tipo de inquérito* foi o primeiro grupo descartado nas análises estatísticas do Norpofor. Pensávamos em considerar, assim como fizemos no Porcufort, dados de três tipos de inquéritos, porém, como explicitado (ver p.74), consideramos apenas dois: *Diálogo entre Informante e Documentador (DID)* e *Diálogo entre Dois Informantes (D2)*.

Os resultados demonstraram que, dos 99 dados da primeira variante (*DID*), 93 foram de verbo no singular, ou seja, 93.9%. Dos dados da segunda variante (*D2*), 20, de 21 dados, ocorreram na forma singular, correspondente a 95.2%. Não podemos comparar estes índices diretamente com os do Porcufort, pois são variantes distintas em cada banco de dados.<sup>67</sup> Contudo, evidencia-se que a variável não teve qualquer influência sobre o fenômeno em dados do Norpofor, assim como em dados do Porcufort, uma vez que houve similaridade muito grande entre os dois tipos de inquéritos em tela. Apresentamos, na tabela abaixo, as informações relativas à influência da variável *tipo de inquérito*:

TABELA 13: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo de inquérito no Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Tipo de inquérito	DID	93/99=93.9%
	D2	20/21=95.2%
	Total	113/120=94.2%

### 5.3. Análise geral com dados dos dois corpora: Porcufort e Norpofor

Esta seção destina-se à análise dos dados, em conjunto, dos dois *corpora*: Porcufort e Norpofor. Foram coletados, dos dois *corpora*, o total de 354 dados (234 do Porcufort e 120 do Norpofor) de concordância entre verbo e sujeito coletivo

<sup>67</sup>No Porcufort, consideramos a variante *DID/D2 versus EF*.

formalmente singular, distribuídos, em se tratando de Porcufort, entre os três tipos de inquéritos, Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogo entre Dois Informantes (D2) e Elocução Formal (EF), e, no Norpofor, entre dois tipos de inquéritos, Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2). Realizamos o estudo, assim como fizemos com os dois *corpora* em separado, considerando as seguintes variáveis: *material interveniente entre sujeito e verbo*, *saliência fônica do verbo*, *posição do coletivo em relação ao verbo*, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito*, *tipo de verbo*, *traço humano do coletivo*, *faixa etária*, *gênero/sexo* e *tipo de inquérito*. Contudo, um grupo de fatores foi excluído da análise: traço [+ ou – humano] do coletivo<sup>68</sup>, porque encontramos apenas casos de coletivo [+humano]. Já que há somente dois fatores neste grupo, +humano/-humano, não há possibilidade de amalgamação, por isso, para prosseguirmos na rodada estatística, visando à obtenção de pesos relativos, este grupo foi excluído das rodadas.

Além desta exclusão, deixamos fora das análises os dados de Elocução Formal (EF), quando analisamos o grupo de fatores “tipo de inquérito”, uma vez que dados de EF apenas são encontrados no Porcufort. Procedemos, também, a amalgamação de fatores no grupo “tipo de verbo”<sup>69</sup>, entre os verbos de “ação” e “ação-processo”, resultando nas variantes “ação-processo”, “processo” e “estado”.

Do total de 354 dados coletados, 339 foram de coletivo seguido de verbo na forma singular (95,8%), enquanto 15 foram com verbo na forma plural (4,2%)<sup>70</sup>. As variáveis, estatisticamente, relevantes, na análise conjunta dos dois *corpora*, foram: *saliência fônica do verbo*, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito*<sup>71</sup> e *material interveniente entre sujeito e verbo*. As ordens de grandeza destas variáveis podem ser vistas a seguir:

<sup>68</sup>Excluído das análises do Porcufort e do Norpofor.

<sup>69</sup>Nas análises isoladas dos dois *corpora*, foram amalgamados os fatores: “ação”, “processo” e “ação-processo”.

<sup>70</sup>No Porcufort, os índices foram de 96% (singular) e 3,4% (plural), enquanto, no Norpofor, foram de 94,2% (singular) e 5,8% (plural).

<sup>71</sup>Esta variável foi selecionada nas análises do Porcufort.

TABELA 14: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular – variáveis estatisticamente relevantes na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor

Variáveis	Fatores	Frequência da forma singular	Peso relativo
Saliência fônica do verbo	Menos saliente	236/239=98.7%	0.729
	Mais saliente	103/115=89.6%	0.113
	Total	339/354=95.8%	-----
Número do sintagma nominal encaixado	Singular	12/16=75%	0.142
	Plural	6/8=75%	0.031
	Sem sintagma	321/330=97.3%	0.543
	Total	339/354=95.8%	-----
Material interveniente entre sujeito e verbo	Sem material	195/199=98%	0.619
	1 sintagma	114/122=93.4%	0.318
	2 sintagmas	25/26=96.2%	0.697
	Mais de 2 sintagmas	5/7=71.4%	0.026
	Total	339/354=95.8%	-----

A variável *saliência fônica verbal*, na descrição do fenômeno de variação da concordância verbal com sujeito coletivo, na amostra conjunta do Porcufort e do Norpofor, mostrou-se relevante, sendo a primeira variável selecionada pelo programa estatístico, embora não tenha sido selecionada durante a análise isolada de nenhum dos dois corpora. Em termos estatísticos, observamos que, de 354 verbos, 239 eram de

baixa saliência, e destes, 236 apresentaram-se no singular, equivalente a 98.7% e peso relativo de 0.729 para favorecimento da forma singular. Enquanto de 354 verbos, 115 eram de alta saliência, e destes, 103 apresentaram-se no singular, o que em termos de frequência representa 89.6% dos casos e peso relativo de 0.113, caracterizando desfavorecimento da forma singular do verbo. Portanto, observa-se que as formas verbais menos salientes favorecem a forma singular do verbo (98.7% e peso relativo de 0.729), enquanto as formas mais salientes desfavorecem a concordância padrão (peso relativo de 0.113), confirmando os resultados de Mattos (2003), que apontaram os níveis mais acentuados de saliência como favorecedores de pluralização verbal, com peso relativo de 0.86,<sup>72</sup> e os menos acentuados, com peso relativo de 0.27, como desfavorecedores de pluralização verbal. Nossas hipóteses apontavam para as marcas menos salientes como favorecedoras de verbo no singular e as formas mais salientes como desfavorecedoras da variante padrão, uma vez que as diferenças mais salientes são mais marcadas e exigem dos falantes maior diferenciação entre as duas formas (singular e plural), que as menores saliências.

Devemos observar que, na análise isolada dos dois *corpora*, a variável *saliência fônica* não foi, em nenhum momento, considerada relevante pelo programa estatístico, e, na análise conjunta dos *corpora*, foi o grupo de fatores mais importante. Apontamos como causa o fato de que, na análise isolada dos dois *corpora*, os números de dados eram menores, não permitindo a evidência da variável, enquanto, na análise geral, por serem mais dados considerados, a variável ganhou ênfase, destacando-se entre as demais.

A segunda variável, estatisticamente, selecionada pelo Goldvarb foi *número do sintagma nominal encaixado* (primeiro grupo de fatores selecionado na análise isolada do Porcufort). Em termos estatísticos, os resultados revelam que apenas a variável “sem sintagma nominal encaixado” favorece a marca de número singular: dos 354 casos, 330 eram de sujeito “sem sintagma encaixado”, e destes, 321 foram de verbo no singular, 97.3% e peso relativo 0.543, favorecedor, portanto, da concordância padrão. Enquanto as duas outras variantes desfavorecem o uso da marca singular: com “sintagma nominal

---

<sup>72</sup>Em Mattos (2003), o valor de aplicação tem por parâmetro a forma plural do verbo, enquanto, em nosso estudo, o valor de aplicação é em relação à forma singular.

singular”, 12 de 16 casos foram de verbo no singular, 75% e peso relativo de 0.142, e com “sintagma nominal encaixado plural”, 6 de 8 casos foram de verbo no singular, 75% e peso relativo de 0.031. Os resultados confirmam os índices obtidos durante as análises isoladas dos dois corpora: a variante sem sintagma encaixado como única que favorece o uso de verbo no singular, as variantes com sintagma encaixado (singular e plural) sempre favorecedoras de verbo no plural.

A terceira variável selecionada, estatisticamente, pelo Goldvarb foi *material interveniente entre sujeito e verbo* (penúltimo grupo descartado na análise isolada do Porcufort e terceiro descartado na análise isolada de dados do Norpofor). Os resultados revelaram que as variantes “sem material interveniente” e “2 sintagmas” favorecem a marca de número singular, enquanto as variantes “1 sintagma” e “mais de 2 sintagmas” desfavorecem esta forma verbal. Dos 354 casos em análise, 199 eram de “sem material interveniente entre sujeito e verbo”, e destes, 195 foram de verbo no singular, representando 98% dos casos e peso relativo de 0.619, e, dos 26 casos de “2 sintagmas entre sujeito e verbo”, 25 foram de verbo no singular, o que equivale a 96.2% e peso relativo de 0.697; portanto, afirmamos que estas variantes favorecem a concordância padrão. Quanto às demais variantes, há o seguinte: dos 122 casos de “1 sintagma entre sujeito e verbo”, 114 são de verbo no singular, 93.4% e peso relativo de 0.318, e dos 7 dados de “mais de 2 sintagmas entre sujeito e verbo”, 5 são de singular, logo 71.4% e peso relativo de 0.026; portanto, evidencia-se que estas duas últimas formas variantes apresentam pesos relativos desfavorecedores da marca verbal de singular.

Quanto a estes resultados, diferentemente do esperado, a variante “2 sintagmas” favoreceu o uso de verbo na terceira pessoa do singular, enquanto o fator “1 sintagma” favoreceu a pluralização do verbo. Formulamos como hipótese explicativa o fato de a variante “2 sintagmas”, em muitos casos, ser constituída por 2 palavras monossílabas, portanto, resultando em pouca distância entre sujeito e verbo, até mesmo em comparação ao fator “1 sintagma”, que é estruturado, várias vezes, por sintagma preposicionado, por exemplo: **2 sintagmas**- “...tem um pessoal QUE JÁ passou mesmo, como é que diz, tem aquele negócio...” (Norpofor, DID 65, p.21, linha 8); **1 sintagma**- “...fazendo com que grande parte DAS CRIANÇAS sejam vacinadas pra determinadas



doença mas mesmo assim...” (Porcufort, DID 1, p.14, linha 13).

A seguir, apresentaremos as variáveis não selecionadas estatisticamente, da última descartada à primeira excluída pelo Goldvarb. Note-se que a última variável descartada é a que poderia ser significativa, se mais dados fossem considerados.

O último grupo descartado nas análises estatísticas foi *tipo de inquérito* (segundo grupo descartado na análise do Porcufort e primeiro grupo descartado nas análises estatísticas do Norpofor). Conforme, anteriormente, afirmado, não coletamos, no Norpofor, dados de Elocução Formal (EF); diante disso, resolvemos excluir, da análise conjunta dos dois corpora, dados de EF do Porcufort, restando, portanto, apenas duas variantes para análise: Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2). Assim, dos 354 dados coletados nos dois corpora, sobraram, para estudo desta variável, apenas 277.

Dos 198 dados de DID, 185 foram de verbo no singular, correspondente a 93.4%, e 78, dos 79 casos de D2, foram de verbo no singular, 98.7% dos casos. Os resultados revelam que, diferentemente do que esperávamos, houve mais coletivo seguido de verbo no singular em casos de D2 do que em dados de DID.<sup>73</sup> Estes resultados confirmam tendência das análises, em separado, dos dois corpora, quando a variável foi descartada e irrelevante para o fenômeno de concordância verbal com coletivos. Apresentamos, na tabela abaixo, informações sobre a variável tipo de inquérito.

---

<sup>73</sup>Por ser “D2” um diálogo estabelecido entre dois informantes que estão em mesma hierarquia, esperávamos menos dados de verbo seguido de singular do que em D2, quando o informantes interage com o documentador, que está em uma hierarquia superior, embora tentem ser superados todos os “paradoxos do observador” (cf. Labov, 2008).

TABELA 15: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo de inquérito na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Tipo de inquérito	DID	185/198=93.4%
	D2	78/79=98.7%
	Total	263/277=94.9%

O penúltimo grupo descartado pelo programa estatístico foi a variável *tipo de verbo*<sup>74</sup> (segundo grupo selecionado durante a análise isolada do Porcufort e única variável durante as análises do Norpofor). Conforme afirmado, durante as rodadas no programa estatístico, foi necessária a amalgamação das variantes *ação* e *ação-processo*, restando três variantes: *ação-processo*, *processo* e *estado*.

Os resultados revelam que, dos 124 casos de “ação-processo”, 122 foram de verbo no singular, equivalente a 98.4% dos casos; 95, dos 96 casos de verbos que indicam “processo”, foram de verbo singular (99%), e 122 das 134 formas verbais que indicam “estado” foram no singular (91%). Estes índices confirmam os resultados das análises isoladas dos dois *corpora*: em dados de verbos que indicam maior dinamicidade (ação-processo e processo), há mais casos de coletivo seguido de verbo no singular. Contudo, esperávamos que o grupo de fatores fosse selecionado, já que se destacou nas análises isoladas dos dois corpora.

Em seguida, apresentamos informações relativas à influência da variável *tipo de verbo*, na análise conjunta dos dois *corpora*.

<sup>74</sup> Conforme Borba (1996), existem quatro tipos de verbos: *ação*, *ação-processo*, *processo* e *estado*.

TABELA 16: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com tipo verbo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Tipo de verbo	Ação-processo	122/124=98.4%
	Processo	95/96=99.%
	Estado	122/134=91%
	Total	339/354=95.8%

O terceiro grupo descartado, durante a rodada estatística, foi a variável *posição do coletivo em relação ao verbo* (grupo excluído das análises do Porcufort e penúltimo descartado das análises do Norpofor). Os resultados revelam que 297, dos 311 casos de sujeito em posição pré-verbal, são seguidos de verbo no singular, 95.5% dos casos, e 42, dos 43 casos de coletivo em posição pós-verbal, são acompanhados de verbo no singular, 97.7%. Os índices confirmam que a variável não é relevante para nosso envelope de variação, porque foi excluída ou descartada nas três análises.

A seguir, apresentamos informações relativas a variável *posição do coletivo em relação ao verbo*, na análise conjunta dos dois banco de dados.

TABELA 17: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com posição do coletivo em relação ao verbo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Posição do coletivo em relação ao verbo	Pré-verbal	297/311=95.5%
	Pós-verbal	42/43=97.7%
	Total	339/354=95.8%

O segundo grupo descartado pelo programa estatístico foi a variável

*gênero/sexo* (primeira variável descartada no Porcufort e antepenúltima no Norpofor). Os resultados revelam que, dos 204 dados de coletivos produzidos por informantes do sexo masculino, 195 foram seguidos de verbo no singular, o que equivale a 95.6% dos casos, e 144, dos 150 dados de informantes do sexo feminino, foram de coletivo mais verbo no singular, o que corresponde a 96% dos casos. Estes índices da análise conjunta de dados dos dois corpora confirmam que a variável não tem influência sobre o fenômeno, assim como ocorrido na análise isolada dos dois banco de dados, visto que se observa grande proximidade de valores percentuais entre as duas formas variantes: *masculino* e *feminino*. Seguem informações relativas à influência da variável *gênero/sexo* na análise conjunta dos dois corpora.

TABELA 18: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com gênero/sexo na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Gênero/sexo	Masculino	195/204=95.6%
	Feminino	144/150=96%
	Total	339/354=95.8%

O primeiro grupo descartado pelo programa estatístico foi a variável *faixa etária* (terceira variável descartada no Porcufort e segunda no Norpofor). Os resultados, conforme resultados abaixo, revelam que há semelhança muito grande entre os dois grupos etários considerados: dos 186 casos de coletivos encontrados entre falantes da faixa etária I (até 40 anos), 179 foram seguidos de verbo no singular, o equivalente a 96.2% dos casos, e 160, dos 168 dados de coletivos produzidos por falantes da faixa etária II (mais de 40 anos), foram acompanhados de verbo no singular (95.2%). Os índices revelam que, de fato, não há influência desta variável para o fenômeno, quando considerados os dados conjuntos dos dois corpora, uma vez que os índices percentuais são bastante próximos, confirmando as análises isoladas dos dois bancos de dados.

TABELA 19: Uso da forma verbal singularizada em construções com sujeito coletivo singular de acordo com a faixa etária na análise conjunta dos dois corpora: Porcufort e Norpofor.

Variável	Fatores	Frequência da forma singular
Faixa etária	Até 40 anos	179/186=96.2%
	Mais de 40 anos	160/168=95.2%
	Total	339/354=95.8%

#### 5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, procedemos à análise dos dados de concordância verbal com nome coletivo, objeto desta pesquisa. A análise foi feita em três etapas: primeiramente, foram considerados os 234 dados do Porcufort, de onde foram selecionadas pelo Goldvarb as variáveis *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e *tipo de verbo*; em seguida, consideraram-se os 120 dados coletados no Norpofor, de onde foi selecionado o grupo de fatores *tipo de verbo*; por fim, fizemos a análise conjunta dos 354 dados dos dois corpora, de onde foram selecionadas as variáveis *saliência fônica do verbo*, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e *material interveniente entre sujeito e verbo*.

Os resultados ajudam no esclarecimento de alguns postulados do referencial teórico desta pesquisa: Teoria da Variação e Mudança Linguística. A concordância verbal com nomes coletivos pode ser compreendida pela realização de duas formas variantes: verbo na terceira pessoa do singular e verbo na terceira pessoa do plural. Isso demonstra que o sistema linguístico não é homogêneo, mas intrinsecamente heterogêneo, capaz de comportar a variação, e que o aparente “caos linguístico” é passível de sistematicidade: segundo Tarallo (2005), ocorre variação quando duas formas variantes travam uma disputa pela codificação do mesmo significado. No caso da concordância com nomes coletivos, em Português Brasileiro, pelo menos de acordo

com os dados coletados nos dois *corpora*, Porcufort e Norpofor, trata-se de um caso de variação estável, em que as duas formas coexistem, através das diversas faixas etárias,<sup>75</sup> condicionadas por fatores linguísticos, os quais mostramos neste capítulo.

---

<sup>75</sup>Note-se que não houve diferenças sensíveis nas análises dos grupos etários (*até 40 anos* e *mais de 40 anos*), nas três etapas de análises dos corpora: análise de dados do Porcufort, análise de dados do Norpofor e análise conjunta de dados dos dois *corpora*. Caso os indivíduos mais jovens (faixa etária I) utilizassem, em maior frequência, uma determinada variante que também é utilizada pelos indivíduos mais velhos, porém em menor frequência, poderíamos supor que se tratasse de uma mudança em tempo aparente, visto que os falantes mais jovens ocuparão a segunda faixa etária, e a forma mais utilizada tenderia a se fixar na primeira e na segunda faixa, e a forma menos frequente desapareceria com os falantes que a utilizam.

## CONCLUSÕES

Esta dissertação tratou da variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza, a partir da análise de dois corpora: Português Oral Culto de Fortaleza (Porcufort) e Norma Popular de Fortaleza (Norpofor).

No Capítulo 2, **Teoria da Variação e Mudança Linguística**, apresentamos percurso histórico desde a formação e consolidação da Linguística como ciência, com o Estruturalismo europeu, até a formação, desenvolvimento e consolidação da Sociolinguística Variacionista, com William Labov. Apresentamos conceitos fundamentais da teoria, como os de “regra variável”, “envelope da variação”, “heterogeneidade sistemática” e “comunidade linguística”, métodos e técnicas de estudo empregados pela teoria e a relevância de alguns fatores linguísticos e sociais, empregados, recorrentemente, em pesquisas sobre concordância verbal.

No Capítulo 3, **O tratamento da Concordância Verbal**, foram apresentados posicionamentos de gramáticos sobre concordância verbal com nomes coletivos em Português, tanto do Português contemporâneo quanto do arcaico, e algumas contribuições de estudos da Sociolinguística Variacionista em pesquisas sobre concordância verbal que consideraram casos de sujeito de terceira pessoa do singular e do plural e, especificamente, de nomes coletivos.

No Capítulo 4, **Procedimentos Metodológicos**, evidenciou-se a metodologia empregada na pesquisa, pautada na Teoria da Variação e Mudança Linguística: a justificativa e a descrição dos corpora selecionados, a descrição da regra variável e de suas variantes, os fatores de controle linguísticos e sociais considerados na pesquisa e como seria feita a análise estatística no programa Goldvarb.

Por fim, no Capítulo 5, **Análise dos Dados**, foram apresentados os resultados da pesquisa. Em uma primeira etapa, consideramos apenas dados do Porcufort, para os quais foram relevantes as variáveis *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e *tipo de verbo*. Sobre o grupo de fatores “número do sintagma nominal encaixado no sujeito”, apenas a variante “sem sintagma nominal encaixado” favoreceu o uso do verbo no singular, enquanto as demais formas, “sintagma nominal encaixado singular”

e “plural”, favoreceram a marca de concordância plural. Sobre o grupo de fatores “tipo de verbo”, os verbos que indicam “ação-processo” favoreceram a concordância padrão, verbo na terceira pessoa do singular, enquanto os verbos que expressam “estado” favoreceram a marca de concordância plural.

Em seguida, consideramos somente dados do Norpofor, para os quais foi relevante apenas a variável *tipo de verbo*: da mesma forma que nos dados do Porcufort, verbos de “ação-processo” favoreceram o uso de coletivo seguido de verbo no singular, enquanto verbos de “estado” condicionaram o maior uso do plural.

Por último, procedemos à análise geral, com dados dos dois corpora. Foram relevantes, nesta etapa, as variáveis *saliência fônica do verbo*, *número do sintagma nominal encaixado no sujeito* e *material interveniente entre sujeito e verbo*. Sobre a “saliência fônica”, as menores saliências favoreceram o uso de verbo no singular, enquanto as formas verbais mais salientes permitiram maior fluxo de verbo no plural. Sobre o “número do sintagma nominal encaixado”, os resultados foram semelhantes aos da análise dos dados do Porcufort: ausência de sintagma encaixado favorecendo a marca de concordância singular, enquanto a presença de sintagma encaixado como favorecedora de uso do verbo no singular. Quanto ao “material interveniente entre sujeito e verbo”, os resultados mostram que há tendência de as menores distâncias entre sujeito e verbo permitirem maior uso de verbos no singular, enquanto as maiores distâncias favorecerem o verbo no plural.

Os resultados revelaram que o fenômeno de concordância verbal com nomes coletivos no Português Brasileiro, pelo menos nos *corpora* analisados, sofre influência determinante de condicionamentos linguísticos, principalmente da variável “tipo de verbo”, selecionada em duas das três etapas de análise dos dados. Outras pesquisas sobre o tema podem ser feitas, implementando novas variantes, como “sujeito nulo”,<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup>Temos por hipótese que o “sujeito nulo” seja fator de favorecimento da pluralização verbal, em casos que tem nome coletivo como correferente, conforme exemplos: “...idealizados, tudo era idealizado...então o **peçoal** queria... esquecer aquilo ali...principalmente os jovens...e QUERIAM buscar as inovações que já estavam...” (Porcufort, EF 36, p.3, linha 6) e “...qualquer show do Kid abelha eu estou indo nem que seja sozinha mas eu vou...que é uma coisa que eu curto mesmo...ai o **peçoal** fica puto porque SÃO todos have metal e não sei o que eu pego e boto meu Kid abelha pra rolar...” (Norpofor, DID 73, p.10, linha 4).



no controle da concordância com nome coletivo; também podem ser considerados dados de Elocução Formal (EF) do Norpofor e realizados testes de avaliação com informantes, a fim de verificar se a concordância verbal com nomes coletivos trata-se de um caso de hipercorreção e se falantes que fazem uso de verbo na terceira pessoa do plural com este tipo de sujeito são alvo de preconceito na comunidade.

Deste modo, o estudo da variação da concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza apresenta-se como ferramenta para o entendimento do funcionamento do Português Brasileiro, a partir da concepção de que todo sistema linguístico é heterogêneo, sendo todas as manifestações variáveis passíveis de sistematização, descrição e análise.

## REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística (Parte I). In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

AMARAL, E; FERREIRA, M; LEITE, R e SEVERINO, A. **Novas Palavras: português**. Vol. Único. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].

BARBOSA, Jeronymo Soares. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Lisboa: Lisboa. 1830.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª edição. Revista e ampliada: Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.

BORBA, Francisco da Silva. **Uma Gramática de Valências para o Português**. São Paulo: Ática, 1996.

CALLOU, D. M. I.; OMENA, N.; SILVA, V. P. Teoria da variação e suas relações com a semântica, a pragmática e a análise do discurso. *Cadernos Estudos Linguísticos*. Campinas, 1991. (p. 17-21)

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcus Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística (Parte II). In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens: vol. 3: ensino médio**. 5ª edição. São Paulo: Atual, 2005.

CARDOSO, Caroline Rodrigues. **Variação da concordância verbal do indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico**. Brasília: UNB, Programa de Pós-

graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2005.

COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente.** Florianópolis: UFSC, Curso de Pós-graduação em Linguística. Tese Doutorado em Linguística, 2003.

CUNHA, Celso F. **Gramática da Língua Portuguesa.** 11ª edição. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic Metatheory.** Pergamon, 1994.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação.** Florianópolis: UFSC, Curso de Pós-graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2000.

GOMES, Christina Abreu & SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati. “Variáveis fonológicas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (org.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

GRYNER, Helena & OMENA, Nelize Pires. “A interferência das variáveis semânticas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (org.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas.** Abralín, 2001.

KENEDY, E. Gerativismo. In MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York.** Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic. **Working Paper**, 44. Texas, 1978.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors.** Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change: Social Factors.** Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

\_\_\_\_\_. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C.B; TUCKES, G.R. (orgs.). **Sociolinguistic. The essential readings.** Blackwell Publishers, 2003.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta

Pereira Scherre e Caroline Robrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, B. **Where does the sociolinguistic variable stop?** In: Language Society, no 7. Printed in Great Britain, 1978. (p.171-182)

MAIA, João Domingues. **Português: volume único.** 2ª edição. São Paulo: Ática, 2005.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral.** Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1973.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Sujeito coletivo singular em português: concordância e referencialidade.** Brasília: UNB, Programa de Pós-graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2003.

\_\_\_\_\_ & NASCIMENTO, André Marques do. *A variação de número na forma verbal e na anáfora pronominal com sujeito coletivo.* IV Seminário de Iniciação Científica, UEG, 2005.

MOLLICA, M.C. “Relevância das variáveis não linguísticas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_ & PAIVA, M. da C. de & PINTO, I. I. *Relação entre [l]-[r] e [r]-[0] em grupos consonantais em português.* In: Relatório final do Projeto Mecanismos Funcionais do Uso Linguístico. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva & COELHO, Izete Lehmkuhl. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos.* IN: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul.** Pelotas: Educat, 2002.

NARO, A. J. “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. “O dinamismo das línguas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

OMENA, Nelize Pires & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. “Variáveis morfossintáticas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista: o tratamento da variação.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

PAIVA, M. da C. “A variável gênero/sexo”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria

Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

PAREDES da SILVA, V. L. *A abordagem laboviana*. Mesa redonda. **Os estudos de variação no Brasil**: situação atual. Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia, 1993.

\_\_\_\_\_. “Relevância das variáveis linguísticas”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (orgs.), **Introdução à Sociolinguística variacionista**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. “A variação você/tu na fala carioca”. Comunicação apresentada no 1 Encontro de variação linguística do Cone Sul, UFRGS, 1996.

PEREIRA, Deize Crispim & RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. *Algumas observações sobre a concordância verbal na fala de idosos do Projeto Filologia Bandeirante*. Estudos Linguísticos XXXIII, p.388-393, 2004.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática Histórica**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1924.

PERINI, M. A. **A Gramática Gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

\_\_\_\_\_. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1995.

PEZATTI, Erotilde G. “O Funcionalismo em linguística”. In.: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs) **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, Angela C.S. *Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro*. Florianópolis: UFSC, Pós-graduação em Linguística, Fórum Linguístico, Fpolis, n.4, p.115-145, julho 2007.

RODRIGUES, E dos S. Processamento da concordância de número entre sujeito verbo: formulação sintática x derivação sintática na construção de modelos psicolinguísticos In Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN, p.263-274, 2005, disponível online: <http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.pdf>

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. (orgs.) BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert. [trad.] Antônio Chelin, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em**

**português**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 1978. Dissertação Mestrado em Linguística.

\_\_\_\_\_. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. Tese Doutorado em Linguística, 1988.

\_\_\_\_\_. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos*. Organon- A variação no português do Brasil. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Letras, 1991. v.18, n5, p.52-70.

\_\_\_\_\_. *Sobre a influência das variáveis sociais no sintagma nominal*. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.p.239-264.

\_\_\_\_\_. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, M.M.P & NARO, A.J. *Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português*. Florianópolis: UFSC, Pós-graduação em Linguística, Fórum Linguístico, Fpolis, n.1, p.45-71, jul-dez.1998.

\_\_\_\_\_. *Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro*. SCRIPTA, Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, v.9, n.18, 1. semestre 2006. p.109-131.

\_\_\_\_\_. *Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal*. In: Variação na fala e na escrita: estudos comparativos. Braga M.L. & Paiva, M. da C. de. (orgs.) 2007.

SEVERO. Cristine Görski. *O lugar do indivíduo na teoria laboviana*. Revista Linguagem: variação e mudança linguística. Vol. 01, número 02, Macapá-AP: ILAPEC, 2004 (Editada por Demerval da Hora).

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Tempos linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Florianópolis: UFSC, Curso de Pós-graduação em Linguística. Tese Doutorado em Linguística, 2003.

- TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. São Paulo: Scipione, 2002.
- \_\_\_\_\_. & NICOLA, José de. **Português: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Scipione, 2004.
- TORRES, Fábio Fernandes. **O gerúndio na expressão do tempo futuro: um estudo sociofuncionalista**. Fortaleza: UFC, Programa de Pós-graduação em Linguística. Dissertação Mestrado em Linguística, 2009.
- VOTRE, S.J. “Relevância da variável escolaridade”. In: MOLLICA, M.C. & BRAGA, Maria Luiza (org.), **Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.
- WEINER, E. Juduth & LABOV, W. Constraints on the agentless passiva. *Jornal of Linguistics* 19:29-58, 1977.
- WEIREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.
- WEEDWOOD, B.. **História Concisa da Linguística**. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2002.